

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

NATIVIDADE CASTRO DOS REIS

O Bairro da Madre Deus e suas Manifestações Culturais



São Luís – MA
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS - CECEN
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO MARANHÃO

NATIVIDADE CASTRO DOS REIS

**O BAIRRO DA MADRE DEUS E SUAS MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS**

São Luís – MA

2006

NATIVIDADE CASTRO DOS REIS

**O BAIRRO DA MADRE DEUS E SUAS MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Maranhão como parte dos requisitos para obtenção do grau de especialista em História do Maranhão.

Orientadora: Prof^ª Ms. Helidacy Maria Muniz
Corrêa

São Luís - MA

2006

Reis, Natividade Castro.

O Bairro da Madre Deus e suas Manifestações Culturais./
Natividade Castro Reis. – São Luís, 2006.

77 p.

Monografia (Pós Graduação em História do Maranhão) –
Curso de Pós-graduação, Universidade Estadual do Maranhão.
2005.

1. Cultura Popular. Bairro da Madre Deus. Manifestações. São
Luís. Maranhão. I Título

CDU: 316.7/.74 (812.1)

NATIVIDADE CASTRO DOS REIS

O BAIRRO DA MADRE DEUS E SUAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Maranhão como parte dos requisitos para obtenção do grau de especialista em História do Maranhão.

Aprovada em ____/____/____

Nota: _____

MEMBROS DA BANCA

Prof. Ms. Helidacy Maria Muniz Corrêa
(Orientadora)

Universidade Estadual do Maranhão
(1º Examinador)

Universidade Estadual do Maranhão
(2º Examinador)

A toda a minha família em especial a
minha filha lanny e a todos os amigos
que me acompanharam nesta
caminhada.

"A Madre Deus – Madre Deus, berço da cultura popular, celeiro de poetas, oficina eterna do samba. Quem não conhece esse reduto da boemia, criatividade e fonte de inspiração da cultura popular brasileira, passou pelo Maranhão e não veio a São Luís."

(**Tácito Borralho**, teatrólogo e carnavalesco madredivino).

"Quem nasce embalado ao som de pandeiros e matracas e da batucada do samba no ventre da noite madredivina, filho de um ato de amor, jamais consegue desvencilhar-se do inescapável envolvimento com as tradições deste bairro ricamente banhado pelas luzes da história, com matizes e nuances tão variegadas."

(**Jeovah Silva França**, poeta madredivino).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a concretização deste trabalho:

A professora Helidacy Maria Muniz Corrêa, pelas sugestões;

Aos professores do Curso de Especialização, pelos conhecimentos transmitidos;

À professora Rejeane pela grande colaboração;

A Maria Helena Borralho por sempre incentivar-me na caminhada frente aos meus estudos.

RESUMO

Aborda-se, neste trabalho a importância do Bairro da Madre Deus, em São Luís do Maranhão, relatando as manifestações culturais que ocorrem anualmente nessa comunidade com o objetivo de enfatizar o papel que o referido bairro tem produção e apresentação das diversas festas populares ludovicenses.

Palavras-chave: São Luís. Bairro da Madre Deus. Cultura popular. Festas.

ABSTRACT

It is approached, in this work the importance of Neighborhood of Madre Deus, in São Luís of Maranhão, telling the cultural manifestations that happen annually in that community with the objective of emphasizing the paper that referred him neighborhood has production and presentation of the several parties popular ludovicense.

Keywords: São Luís. Neighborhood of Madre Deus. Popular culture. Parties.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 01 – Madre Deus anos 60	23
Foto 02 – São Sebastião	26
Foto 03 – Reconstituição da primeira capela de São Pedro	29
Foto 04 – Festejos	30
Foto 05 – Capela de São Pedro	30
Foto 06 – Fuzileiro da Fuzarca	33
Foto 07 – Turma do Quinto	37
Foto 08 – Mocidade Independente Dragões da Madre Deus	38
Foto 09 – Príncipe de Roma	39
Foto 10 – Jegue Fifi	40
Foto 11 – Máquina de Descascar Alho	41
Foto 12 – Bicho Terra	43
Foto 13 – C de Asa	44
Foto 14 – Regional 310	45
Foto 15 – Roteiro (Apresentação)	48
Foto 16 – Roteiro (A peregrinação)	48
Foto 17 – Roteiro (Celebração)	49
Foto 18 – Tambor de Crioula	52
Foto 19 – A casa ambulante que conduz o Tambor de Crioula Tijupá	53
Foto 20 – Tambor de Crioula Tapera	54
Foto 21 – Bumba-meu-boi	55
Foto 22 – Companhia Barrica	61

LISTA DE ABREVIATURAS

- FUNAC – Fundação da Criança e do Adolescente
- CEPRAMA – Centro de Apoio a Atividades Artesanato do Maranhão
- FUNCMA – Função Cultural do Maranhão
- FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	09
LISTA DE ABREVIATURAS	10
1 INTRODUÇÃO	13
2 CULTURA: uma breve abordagem conceitual	15
3 O BAIRRO DA MADRE DEUS: aspectos históricos	17
4 FESTEJOS DO BAIRRO DA MADRE DEUS	24
4.1 Festejo de São Sebastião	25
4.2 São Pedro na Madre Deus	27
4.3 Carnaval da Madre Deus: fofões e pandeirões	30
4.3.1 Participantes do carnaval madredivino	32
4.3.1.1 Os Fuzileiros da Fuzarca	32
4.3.1.2 Turma do Quinto	34
4.3.1.3 Bloco Organizado os Cobras das Estrelas	37
4.3.1.4 Bloco Organizado Mocidade Independente Dragões da Madre Deus	38
4.3.1.5 Bloco Tradicional Príncipe de Roma	39
4.3.1.6 Vagabundos do Jegue	39
4.3.1.7 A Máquina de Descascar Alho	41
4.3.1.8 Bicho Terra	42
4.3.1.9 C de Asa	43
4.3.1.10 Regional 310	44
4.3.1.11 Grupo Musical Embolada	45
4.4 Aleluia na Madre Deus	46
4.4.1 O Blofão	46

4.5 A Natalina da Paixão	47
4.6 Festejos de São João	49
4.6.1 Tambor de Crioula Tijupá	50
4.6.2 Tambor de Crioula Tapera	54
4.6.3 O bumba-meu-boi da Madre Deus	54
4.6.4 O Bozinho Barrica	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67
ANEXOS	72

1 INTRODUÇÃO

A partir da abordagem sobre cultura procura-se entender a importância do bairro da Madre Deus nas manifestações culturais de São Luís do Maranhão. Pretende-se através de relatos das festas que ocorrem nessa comunidade contribuir com mais um acervo sobre a formação e as manifestações culturais vivenciadas por aqueles que participam das atividades festivas do bairro.

Como moradora do bairro da Madre Deus pude perceber a vitalidade das práticas culturais vivenciadas pela comunidade local e a importância de se ter mais um instrumental de pesquisa que pudesse contribuir para demonstrar um pouco dessa riqueza cultural de São Luís a partir de um objeto específico: o próprio bairro.

Nesse sentido, o enfoque da história cultural torna-se um importante apoio teórico para que se possa perceber, com mais acuidade, o sentido dessas práticas culturais, bem como o próprio sentido que o bairro vai adquirindo para os moradores com *"berço da cultura."*, como assim se referem os próprios moradores ao mencionarem o bairro.

Desse modo, estruturou-se o trabalho privilegiando alguns aspectos tais como: uma breve conceituação sobre o termo cultura, com a finalidade de se ter um posicionamento teórico, bem como enfatizar ao leitor um pouco da riqueza conceitual que envolve o tema; em seguida detivemo-nos em aspectos históricos relacionados ao bairro, para demonstrar, através de sua formação, parte de sua história e, finalizou-se abordando sobre os festejos que acontecem no bairro na tentativa de demonstrar ao leitor momentos da vida cultural da Madre Deus.

Assim, no primeiro capítulo faz-se uma breve análise do conceito de cultura tomando como referência Darcy Ribeiro (1975) ^{OK} que perspectiva uma abordagem conceitual mais complexa.

O segundo capítulo enfatiza-se a origem do bairro da Madre Deus, fazendo-se uma pesquisa etnográfica sobre sua formação e características geográficas, relacionando-os ao período em que se deu a ação missionária naquele local.

Por fim procura-se, no último capítulo relatar algumas manifestações culturais que nasceram ou que migraram para aquela região, de modo a se perceber o quanto essas festividades influenciaram na vida dos moradores do bairro a ponto de se verificar a existência de um calendário festivo anual. A exemplo do que se disse tem-se, no primeiro dia de janeiro, o bloco denominado de "A Máquina de Descascar Alho" que dá as boas vindas ao ano novo, convidando a todos para a grande festa do carnaval, marcando o início do ano na Madre Deus.

Após o carnaval é chegada a Quaresma e com ela a Semana Santa. Brilha nesta data, a Natalina da Paixão (dramatização sobre a passagem de Jesus Cristo na Terra), que comemora o início do São João; começa então os ensaios de bumba-boi e de variadas brincadeiras na Madre Deus que se estende até o final do ano.

Para a realização desta pesquisa foram utilizados acervos bibliográficos e pesquisa de campo com técnicas de observação direta, anotações, entrevistas gravadas, além de depoimentos pessoais com alguns moradores do bairro e pessoas ligadas à cultura.

2 CULTURA: uma breve abordagem conceitual

Toda e qualquer ação sejam elas de caráter econômico, religioso, artístico, tudo o que o ser humano faz é fundamentado segundo o que se chama de cultura. Portanto, definir o termo cultura é recompor as relações sociais internas e externas de um determinado grupo social.

O termo cultura é amplo e possui vários conceitos, fazendo com que diversos estudiosos se ocupassem em discutir as implicações que envolvem o termo.

Originalmente, este termo vem do latim - *colere* - que significa cultivar. A palavra cultura foi usada pela primeira vez entre os romanos na antiguidade e de lá até nossos dias está cada vez mais relacionada às diversas atividades que envolvem o cotidiano.

Ao se tentar mostrar a importância do bairro da Madre Deus por meio de suas manifestações culturais foi preciso tomar como ponto de partida o conceito de Ribeiro (1975, p. 73) que diz:

Assim concebida, a cultura é uma ordem particular de fenômenos que tem de característico sua natureza de réplica conceitual da realidade transmissível simbolicamente de geração em geração, na forma de uma tradição que prove modos de existência, formas de organização e meios de expressão de uma comunidade humana.

Em se tratando da Madre Deus, dentre a diversidade cultural que abriga, um dos destaques é o bumba-boi que, segundo Reis, “[...] originou-se das atividades ligadas à pecuária advindo de brincadeiras de negros, e escravos nas fazendas e nos engenhos [...]”, demonstrando o quanto o universo das fazendas e do próprio mundo escravocrata marcou as relações culturais do povo maranhense. Esse

folgado foi transmitido através de geração, tornando-se contemporaneamente um dos símbolos culturais da comunidade da Madre Deus.

Nesse sentido, conforme Ribeiro (1975, p. 84) “[...] a cultura está em um constante processo de transformação, a criatividade através das descobertas e invenções são peças fundamentais e a difusão entre os povos e renovação através de movimentos sociais também são fatores relevantes”.

Depreende-se desta fala que as manifestações da cultura popular não estiveram imunes às mudanças ao longo do tempo. Essas transformações denotam a capacidade de constante diálogo dos produtores culturais com o seu tempo e seu meio.

Outra expressão cultural bastante significativa para a comunidade da Madre Deus é o carnaval, folgado que faz parte do calendário festivo, mas que também tem sofrido profundas mudanças num esforço constante de sobrevivência em meio às novas exigências culturais feitas pela sociedade contemporânea.

Desse modo, sobressaem essas duas manifestações culturais ocorridas na Madre Deus por envolverem maior contingente populacional e alterarem profundamente a rotina da comunidade que se envolve com os preparativos dessas festas.

Para se ter uma idéia do envolvimento da comunidade com a festa do carnaval e do bumba-meu-boi, durante as pesquisas se tentou identificar, entre os moradores, qual das duas festas eram mais importantes para eles. A resposta era sempre que não havia diferença, isto é, todas eram muito importantes para eles.

3 O BAIRRO DA MADRE DEUS: aspectos históricos

O bairro da Madre Deus é antigo, sua origem data do século XVII, como nos assinala, em seu clássico dicionário Marques (1970, p. 86):

Em 4 de outubro de 1713, no sítio da roça nesta cidade, o Capitão-Mor Manuel da Silva Serrão e sua mulher fizeram traspasso ao Capitão-Mor Constantino de Sá 'dos pilares, arcos, alicerces e mais obras que se achavam na ponta de terra chamada de Santo Amaro, feitas com licença da Câmara com fim de levantar-se aí uma igreja, e também concederam-lhe a mercê que a Câmara lhe fizera com a mesma intenção.' "Achou o Capitão Constantino mais seguro pedir para si essa mesma mercê de forma por que foi dada ao dito Serrão, e requerendo à Câmara disse 'estar fazendo uma ermida para Nossa Senhora da Madre de Deus, aurora da vida', e lhe foi concedida em vereação de 1º de dezembro de 1713.

Depois de construída a ermida, em 1730, foi tornada propriedade dos jesuítas, que a transformaram, por intermédio do vice-Provincial dos Jesuítas, o Padre José Lopes, da Companhia de Jesus, na "*Casa dos Exercícios e Religiosa Recreação de Nossa Senhora da Madre de Deus*", com a finalidade de desenvolver estudos gerais de Teologia, Filosofia, Retórica, Gramática e outros, além de melhor acomodar os mestres e alunos do Colégio da Luz.

Como se pôde verificar o Bairro da Madre Deus surge no contexto da ação missionária jesuítica, no Maranhão, com a finalidade religiosa e educacional, sugerindo-nos, já naquela época uma vitalidade urbana significativa para os padrões urbanos da São Luís colonial.

De acordo com Souza, (1977, p. 123):

Os jesuítas fundaram ainda no Maranhão a 'Casa dos Exercícios e Religiosa Recreação' de Nossa Senhora da Madre de Deus, dentro da cidade, na Ponta de Santo Amaro. A quinta já existia em 1713, quando o Capitão-Mor, Constantino de Sá, requisitou á Câmara a utilização de certos materiais existentes nessa Ponta de Santo Amaro, para uma ermida que estava erguendo a 'Nossa Senhora da Madre de Deus, Aurora da Vida'. O Sítio foi-lhe traspassado já por outros. Os padres compraram a quinta para a

Casa de Campo dos Mestres e estudantes do Colégio Maranhão, no qual havia, em 1713, 'estudos gerais de Teologia, Filosofia, Retórica, Gramática, e ultimamente uma escola de ler, escrever e contar', como expõe à Câmara o Pe. José Lopes, requerendo alguns terrenos para ampliar a Quinta da Madre de Deus.

Com a expulsão dos jesuítas em 1760, houve o confisco de seus bens, e a Casa da Madre de Deus, como era mais conhecida, passou a abrigar provisoriamente, a mando do Governador e Capitão-General Joaquim de Melo e Póvoas, a Governadoria do Estado enquanto a sede oficial encontrava-se em reforma. Somente em 1811, a reforma do Palácio dos Leões, foi concluída, e a Casa da Madre de Deus tornou-se sede do Hospital Militar.

Sobre a multifuncionalidade da Madre Deus ao longo do tempo, Moraes (1995, p. 91) dá uma pequena mostra ao escrever:

Do bairro dos Remédios, a antiga Ponta do Romeu, banhado pelo rio Anil, passemos ao extremo oposto da cidade de então, onde, alçada a miradouro do rio Bacanga, ficava a Ponta de Santo Amaro, que originou o núcleo da Madre de Deus (topônimo de que o povo tirou a preposição dissonante), nascido nobre por suas funções de centro educacional, convento dos jesuítas e palácio de governadores em vilegiautra, e que em nobreza de muito maior monta continua, pela insuperável legitimação popular que lhe confere privilégios de república das nossas mais fortes tradições culturais, a república de que muito nos orgulhamos.

Hoje, na localidade onde existiu a ermida e em uma construção alicerçada sobre os seus destroços, funciona o Hospital Geral Tarquínio Lopes Filho, sob responsabilidade do Governo Estadual. O local onde funcionava o Matadouro Municipal de São Luís foi transferido para a Madre Deus.

Segundo Moraes (1995), o local foi escolhido porque tinha capacidade para abrigar os necessários currais e a casa de matança de gado, além de proporcionar facilidade no embarque e desembarque dos bois, à época conduzida através de gambarras que navegavam sobre o rio Bacanga.

O portão que existia na Avenida Rui Barbosa e os muros que cercavam a Madre Deus garantiam a permanência do gado dentro do bairro. Quando o matadouro foi desativado, na localidade passou a funcionar um depósito de couro e curtume, que deixou de existir durante a administração municipal de Ivar Figueiredo Saldanha, ocasião em que a construção foi demolida.

Atualmente, nessa localidade, existe o prédio de propriedade do Governo do Estado do Maranhão, que dá abrigo à Fundação da Criança e do Adolescente – FUNAC, localizada na Avenida Senador Vitorino Freire (Anel Viário), s/n.

Os primeiros habitantes da Madre Deus foram pescadores e matadores de gado e a ocupação da área se deu de forma desordenada tendo em vista pertencer ao poder público. O fato de naquela área haver curtumes e casas de matança de gado a tornou desvalorizada, ficando como alternativa para as pessoas de pouca renda.

Ainda a respeito do passado do bairro da Madre Deus é interessante registrar que foi um importante reduto econômico no final do século XIX e no início do século XX, pois teve nas suas proximidades algumas fábricas como a Companhia de Fiação e Tecidos de Cânhamo, onde hoje funciona o CEPRAMA (Centro de Apoio a Atividades Artesanato do Maranhão), a Companhia de Fiação e Tecelagem São Luís, onde um comércio de fabricação de placa de automóveis e uma oficina mecânica dividem as instalações da antiga fábrica com ruínas de parte das estruturas, e a Fábrica Santa Amélia, cujo prédio atualmente pertence à Universidade Federal do Maranhão. Todas essas unidades de produção de tecidos foram construídas no final do século XIX, sendo que, a última fábrica a encerrar suas atividades foi a São Luís, no ano de 1988. Acredita-se que boa parte dos moradores da Madre Deus eram operários dessas fábricas. Isso é confirmado pelos

depoimentos de alguns moradores antigos como o senhor Marciano Vieira Passos (1997, p. 41), morador da madredivina desde o seu nascimento que diz:

Todos eram pescadores da Madre Deus. Aí eu peguei pescar, peguei pescar. Aí uma vez cheguei na praia na rampa da Madre Deus, um senhor muito amigo me disse: Marciano, e você não quer largar essa vida? Isso não lhe dar positivo. Eu vou lhe arrumar um serviço. Aí então eu cheguei disse para meus irmãos [...] Tô é tu, deixar de tá todo dia com dinheiro no bolso para trabalhar e receber por quinzena. Mas o que é que eu vou fazer? Aí eu fui para a Fábrica Cânhamo.

Além de ter nas suas proximidades parte do parque industrial maranhense do século passado, a Madre Deus é um bairro privilegiado do ponto de vista geográfico, pois fica próximo à orla marítima e ao centro comercial da cidade. Além de ter sido um bairro industrial, muitos moradores também sobreviviam e, ainda sobrevive da pesca. Alguns moradores relatam sobre a existência de grandes curtumes e o matadouro que foi instalado no bairro por um longo tempo. (Citação)

A configuração urbana do bairro da Madre Deus hoje está estruturada com suas casas, praças e ruas de modo a apresentar dois tipos de moradores, que são os moradores antigos que formam o núcleo tradicional que permanecem por razão de prestígio e laços familiares e os mais novos, que por sua vez, dividem-se em dois grupos: uns que estão mais preocupados com sua própria subsistência do que com as atividades comunitárias e outros que agregam a preocupação com as manifestações culturais da comunidade.

O Bairro da Madre Deus teve em suas vizinhanças o Hospital dos Lázaros (Leprosário), construído em 1870 no Bairro do Goiabal, atrás do Cemitério do Gavião.

Com a construção, à margem oposta do Bacanga e defronte da cidade, da Colônia Achilles Lisboa, o popular Leprosário do Bonfim, pelo interventor Paulo

Martins de Sousa Ramos (1937/1945), e que contou com a colaboração do Serviço Nacional de Lepra foi inaugurado em 17/10/1937, os portadores do Mal de Hansen foram para lá transferidos, e o Hospital dos Lázaros, no Goiabal, foi desativado e transferido para o Monte Castelo. Com isso foi demolido o muro que isolava e impedia o acesso à Madre Deus, pela Rua do Norte, através das ruas Afonso Celso (Rua Um), Lúcio de Mendonça (Rua Dois) e Afrânio Peixoto (Rua Três). A área que corresponde a esses dois estabelecimentos hoje formam uma parte do bairro do Lira.

No prédio onde funciona a Escola de Samba Turma do Quinto localizada na Rua do Norte, próximo do Cemitério do Gavião antes funcionava, na década de 1960, uma fábrica de óleo babaçu e uma piladora de arroz.

Descendo a ladeira do Hospital Geral Tarquino Lopes Filho, localiza-se a Capela de São Pedro, referência para as festas juninas de São Luís. Vale ressaltar que essa capela foi destruída pelo poder público, sendo edificada uma outra em seu lugar sem nenhum respeito aos aspectos históricos que a edificação representava.

Nas proximidades da Madre Deus localiza-se a Praça da Saudade, cenário de diversão variada dos bairros vizinhos.

A partir dos anos de 1940 a 1950, a Madre Deus recebeu pessoas oriundas do interior do Estado do Maranhão, que vinham em busca de emprego e melhores condição de vida. O homem do campo em uma perspectiva de melhorar de vida, deslocou-se para a área da Madre Deus atraído pelo emprego que a fábrica Cânhamo outrora ofereceu.

Em 1960, a comunidade madredivina sofreu duros golpes - um incêndio ocorrido nas mediações onde hoje se encontra a FUNAC e a União de Moradores, como define Araújo (1986, p. 10,14,76):

Houve um incêndio aqui. Era um dia de romaria para São José de Ribamar e um dos estivadores na hora da saída da romaria começou a tocar foguetes e um caiu em cima de uma casa provocando incêndio.

Com a construção da barragem do Bacanga no período de 31/01/1966 a 13/05/1970, (durante o governo José Sarney), com aproximadamente 800 metros de extensão, 20 metros de largura e 5 metros de altura, fez com que o bairro sofresse uma sensível mudança tanto física quanto econômica, pois, antes da barragem, muitos barcos pesqueiros atracavam na praia da Tabatinga, na Madre Deus - hoje a Avenida Senador Vitorino Freire. A partir destas transformações, os barcos de pesca passaram a atracar no portinho, que se localiza em frente ao Bairro Desterro; e os barcos de passageiros e outras cargas na Rampa Campos Melo, na Avenida Beira Mar. Dessa forma a praia da Madre Deus desaparece levando consigo o modo de vida e a fonte de renda de vários moradores, obrigando-os a procurar outro meio de vida para sobreviverem. Além disso, essa construção ocasionou a demolição de muitas casas naquela área, e seus moradores foram transferidos para o Bairro Anjo da Guarda perdendo grande parte de seus moradores. Esses aspectos fizeram surgir novos bairros em sua volta.

Levando em consideração o artigo de Sarney *apud* Coutinho (1986, p.

112) – “Barragem Desafiadora”, que diz:

Essa barragem foi um terrível desafio para a técnica, para a engenharia, para o governo. Os homens punham as pedras na embocadura do Ybacanga, e a maré, quando subia, levava-as para longe. O rio quando enchia trazia as pedras de volta, só que fora do traço, sem possibilidade de entendimento entre natureza e engenharia.

Antes da construção da Barragem do Bacanga, a população marítima aventurava-se sobre pontes de madeiras (Foto 01). Havia também uma escadaria de alvenaria e uma rampa, que era uma espécie de ponte de madeira e que avançava para o mar. Devido a esta construção muitas casas erguidas às margens do rio Bacanga foram demolidas causando profundas mudanças físicas com a destruição dos manguezais, alteração do curso do rio, além dos aspectos sociais ocasionados pela emigração para o Bairro Anjo da Guarda.

Foto 01 – Madre Deus: anos 60



Fonte: www.turismo.ma.gov.br

Após o término da obra, a Capela Ermida da Madre Deus, que já se encontrava em ruínas, foi coberta pelas águas da barragem, e por solicitação dos moradores do bairro a capela foi construída pela segunda vez como Capela de São Pedro dos Navegantes.

Recentemente a igreja foi reconstruída na parte de cima, na descida da Rua São Pantaleão, no local onde a igreja e a praça são destinadas ao mesmo fim, que é apresentação dos bois.

A mudança ocasionada por grande parte dos moradores do bairro para o Anjo da Guarda, encolheu a Madre Deus, e os progressos não foram benéficos para essa comunidade que, de certa forma, viu-se invadida e forçada a mudar seu modo de vida. Apesar das mudanças, a Madre Deus resistiu não sem perdas e segundo Araújo (1986, p. 75), "[...] o bairro apresenta em sua totalidade elementos residuais resistentes no processo de deteriorização".

4 FESTEJOS DO BAIRRO DA MADRE DEUS

São Luís vem se destacando ao longo dos anos em suas festividades populares, com suas particularidades culinárias, religiosas, comportamentais, cujo patrimônio histórico e arquitetônico ganhou notoriedade. É narrada no imaginário simbólico de seus artistas bem como do cidadão comum, na circularidade de suas lendas as quais falam de encantados, répteis míticos, figuras lendárias.

A cidade de São Luís apresenta um conjunto muito significativo de lendas, histórias que são apresentadas no contexto social de seus moradores, lendas estas que se tornam presentes nas festividades mais importantes do Nordeste, como as festas juninas, e o carnaval.

Tradicionalmente acontece no dia 29 de junho, ápice das festividades juninas, a passagem dos diversos bois existentes na ilha com seus inconfundíveis sotaques no interior da igreja de São Pedro, na praça que leva o mesmo nome, como parte das homenagens a esse santo católico (São Pedro), à exceção dos grandes bois de matraca (Maioba, Maracanã, Ribamar...) que fazem outro circuito.

Um dos lugares de São Luís que sempre se sobressaiu como um bairro rico em tradições culturais, esbanjando, na multiplicidade de ritmos e danças, uma valorização da cultura popular maranhense é a Madre Deus.

A sociedade madredivina com o apoio do Governo do Estado vem elaborando um rico calendário festivo dando origem a seu lazer cultural, aqui compreendido como um elemento integrador e socializador. A Madre Deus apresenta, elementos que resistem ao processo de transformação.

Como assegura Chagas Júnior (2003, p. 52):

A Madre Deus vai além de meras delimitações geográficas (Ponto de Fuga, Morro do Querosene, Caldeirão, Canto do Maguari, Rua 3, Rua 1, Largo do Caroçudo ...) a sua extensão se espalha e se realiza ao longo da vastidão sentimental da cidade.

Na Madre Deus o povo é dono de sua festa, nela se expressa livremente sua condição de oprimido. Assim ocorrem as festas na Madre Deus, que adotou ainda estrangeiras festas, mas deu suas próprias formas, conforme seus costumes e além de estarmos sempre criando novidades. E dessas, o instante maior e mais nobre foi a Escola de Samba Turma do Quinto filho que alargou seus domínios muito além da praia. Assim as entidades culturais e o bairro acham-se intimamente relacionados; mas nem as entidades se reduz ao bairro e nem estes as entidades.

Durante os festejos, a igreja de São Pedro, uma pequena basílica construída em área próxima ao aterro do Bacanga, no bairro da Madre Deus, fica completamente tomada por milhares de pessoas. Brincantes fantasiados, turistas, "gente da terra" desfilam em frente à imagem do santo padroeiro, rodeada por homens e mulheres que carregam velas acesas, símbolo do cumprimento das promessas alcançadas.

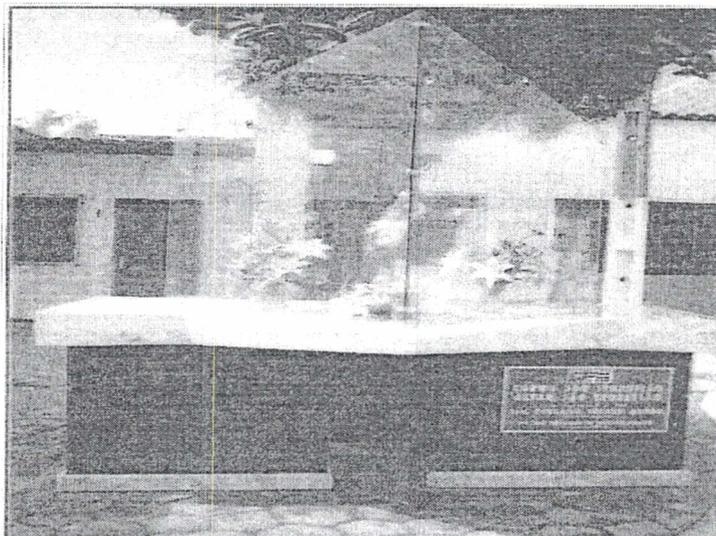
Tanto no âmbito religioso como no festivo, pode-se observar que, na Madre Deus, é grande a predominância do instrumento percussivo marcando o tom das brincadeiras. (Do bairro ou do Rio de Janeiro) A diversidade rítmica e melódica do bairro é surpreendente. Entre tantos festejos e brincadeiras pode se destacar algumas que estão sendo relatadas a seguir para que se possa ter uma idéia da diversidade cultural que o bairro abriga.

4.1 Festejo de São Sebastião

Desde o início do século XX, a partir do ano de 1907, o Bairro da Madre Deus festeja a São Sebastião (Foto 02). Tal festejo é realizado na Praça Dermeval Rosa (Caldeirão).

O significado religioso que envolve a festa e os participantes é uma demonstração de uma outra dimensão do bairro: a crença.

Foto 02 - São Sebastião



Fonte: www.turismo.ma.gov.br

Sobre o festejo, um morador chamado Zé Garapé em uma entrevista ao jornal O Imparcial em 23/01/1973 afirma:

A festa começou a ser realizada por uma moradora do bairro Dona Celezaria, já falecida, que fez uma promessa para que o Santo fizesse com que a "*Peste Variola*", que na época estava atacando a população de São Luís, tendo feito na oportunidade várias vítimas não mais viesse a fazer mortes. A graça foi alcançada, tendo ela prometido que realizaria a festa anualmente [...]

Falando sobre a dimensão religiosa que envolve a Madre Deus Chagas Júnior (2003, p. 64) acrescenta:

Tudo começou embaixo de um pé de sapucaia, onde a imagem do santo foi colocada. Um barracão foi construído e durante a noite uma orquestra se responsabilizava pela animação. Além da participação maciça da comunidade local, também participavam do festejo as mulheres da zona do baixo meretrício. Esse festejo, hoje é apenas de caráter religioso, já foi organizado por Dona Lulu e seu esposo Bertulino Travassos, Zé Garapé, Jonas Moraes, Sabuja e Ricardinha Pinto, além de outros integrantes da

comunidade. Sob o comando de Linete Moraes, o festejo ainda é realizado, de 1 a 20 de janeiro, embaixo do mesmo pé de sapucaia, que a comunidade apelidou de "pau do santo", tem como programação as novenas (de 11 a 20), a salva de fogos (dia 20, às 5:00h), a ladainha (dia 20, ao meio-dia) e a procissão (dia 20, às 18:00h), que encerra o festejo. Os próprios moradores contribuem para a realização do festejo, através de doações intituladas "jóias". Em 2000, foi construída pelo Governo do Estado do Maranhão uma redoma de vidro sob a árvore, onde a imagem do santo é exposta, de forma permanente e segura, para visitação e promessas, sendo que, antes de existir a redoma o santo permanecia na casa de um dos moradores do bairro, sendo colocado em exposição apenas na época do festejo.

4.2 São Pedro na Madre Deus

O Festejo de São Pedro vem sendo realizado, todos os anos desde a década de 1940, quando ainda havia colônia de pescadores. O jornal O Imparcial de 28/06/2002 trata dessa festa, dizendo:

Tradicional encontro de bumba-bois reúne fiéis no Largo de São Pedro. O ponto alto da festa acontece na madrugada do dia 29. A partir das 20h, os grupos de bumba-boi da capital e do interior iniciam sua concentração no Largo de São Pedro. Todos os anos, eles invadem a Praça da Madre Deus com seus personagens e proporcionam um ritual de cores e som em homenagem ao santo. O encontro é uma tradição na qual os batalhões e devotos pagam suas promessas e fazem pedidos de bênçãos.

Nesse período, já faziam parte da programação as novenas e ladainhas, além das procissões marítimas e terrestres. A procissão marítima, ainda ocorre nos dias de hoje, percorria a Baía de São Marcos, sendo que existia um diferencial: o ponto de partida das embarcações não era o Cais do Jenipapeiro e sim a Praia da Madre Deus. Já a procissão terrestre saía da casa do pescador onde havia sido realizada a última reza. Com mais freqüência, essas rezas eram realizadas nas residências de Dona Marcela, José Martins, Raimundo Reis, Basílio e Manoel Martins, que naquela época organizavam o festejo.

Atualmente após as apresentações das manifestações culturais, que rompem a madrugada e se estendem até um pouco depois do meio-dia, a imagem

do Santo segue, em seu andor, sobre o carro de bombeiros, até ao Cais do Jenipapeiro, dando início à procissão marítima que ocorre sobre as águas da Baía de São Marcos, passando pela praia da Ponta D'Areia, indo até o Sítio do Tamancão e retornando á Rampa Campos Melo, de onde sai a procissão terrestre que segue pelo Anel Viário e conduz a imagem do Santo ao seu altar, dando início á missa campal no Largo de São Pedro.

Em 1948, foi construída a primeira capela (Foto 03) de São Pedro no bairro da Madre Deus, fruto de esforços dos próprios pescadores e com a ajuda de César Aboud, que era Diretor-Financeiro da Fábrica Santa Isabel S/A e irmão do Deputado Estadual Aboud. Sua localização era na Rua Senador Costa Rodrigues (atual São Pantaleão), fazendo limite, na atualidade, com a Avenida Senador Vitorino Freire (Anel Viário). Sobre a capela de São Pedro, Chagas Júnior (2003, p. 68) diz:

Tudo começou porque papai, José Martins dos Santos, trouxe o santo lá do bairro do Desterro. O santo era muito pequeno e, aí, papai disse: 'vamos fazer uma capela de palha para colocar a imagem de São Pedro'. Aí, carregaram pedra do Tamancão e do Sá Viana. O barro foi trazido lá do Sítio Piranhenga. Então, foi feito só o baldrame da capela. Os pedreiros que fizeram esse baldrame foram Teju, Orfila e seu Hugo. Ficou só nisso, porque o dinheiro acabou. Mas eu tinha um tio por nome Basílio, que era compadre de alma de César Aboud. Naquele tempo, César Aboud era dono da Fábrica Santa Isabel. Fizeram uma comissão e foram até César Aboud. Ele deu o dinheiro e aí terminaram a capela, a capela toda de palha, nas laterais e na coberta. Também fizeram uma ponte de cimento e de madeira, onde encostavam aqueles barcos grandes. Isso em 1948. Depois, acharam que o santo era muito pequeno. Tinha um senhor com o nome de Mundico Carvalho, que era calafate. Ele disse que todo mundo tinha que se unir e fazer uma cota para comprar um santo maior. Pois aí trocaram o santo. Esse santo que tem hoje aí veio lá de São Paulo. Quando foi em 1949, foi feita uma capela grande, de tijolo, de frentê para o mar. Depois, pra construir a barragem, tiveram que derrubar a capela. Logo, levaram a imagem para o Anjo da Guarda, pra casa de Dona Vera, que já até faleceu. Mas, depois, o santo voltou. Quando foi em 1975, o Prefeito da época mandou construir uma outra capela, depois de feita a barragem. Naquela época, da primeira e da segunda capela, a procissão marítima saía de frente da capela. O santo ia à embarcação de Zuza Lobato, chamada Santo Afonso. Quando a procissão marítima retornava, aí é que saía a procissão terrestre.

A partir daí, a festa tornou-se mais popular e exigiu conseqüentemente mais dedicação por parte dos organizadores que puderam contar, e contam até os dias de hoje, com a licença do Sr. João Batista dos Santos (neto de Dona Marcela, que havia participado de todo processo de criação e realização do festejo no bairro.

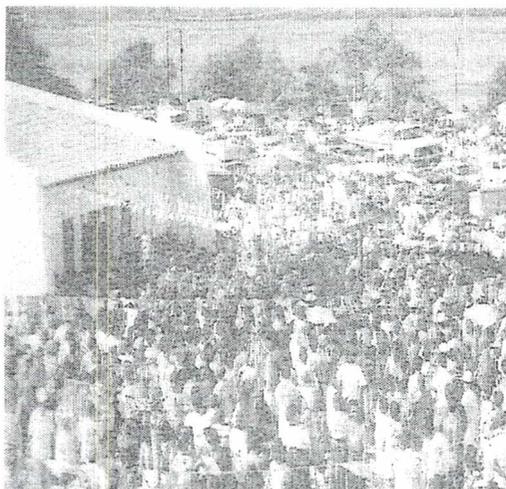
Foto 03 – Reconstituição da primeira capela de São Pedro



Fonte: Denis (Artista Plástico da Madre) *apud* Chagas Júnior, 2003

Após a demolição da primeira capela e erguida a nova ermida, esta passou a agregar as festas populares. É desse modo que em frente à segunda capela, construída no ano de 1970, os grupos de bumba-meu-boi ficam (Foto 04), desde 1948, na madrugada do dia 29 de junho para reverenciar o Santo pelo seu dia, sendo que a primeira boiada a render-lhe homenagens foi a de Iguaiá (Boi de Matraca). A terceira e atual capela (Foto 05), foi inaugurada em 13 de dezembro de 2001, no Governo de Roseana Sarney. Entre foguetórios e fiéis, os anos conduzem as suas brincadeiras até o interior da capela.

Foto 04 – Festejo



Fonte: Chagas Júnior, 2003

Foto 05 - Capela de São Pedro



Fonte: Chagas Júnior, 2003

4.3 Carnaval da Madre Deus: fofões e pandeirões

O carnaval de rua de São Luís é animado por diversas brincadeiras populares. Essa festa de cores, ritmos e diversão acontecem em circuitos de ruas e bairros, onde se destacam os circuitos de Rua de São Pantaleão e da Madre Deus.

No dia 1º de janeiro, a Madre Deus dá o seu grito de carnaval com o bloco intitulado "A Máquina de Descascar Alho" que percorre ruas, becos e ladeiras, arrastando um grande número de foliões. É o primeiro grito de carnaval de rua de São Luís. A partir daí, até os dias oficiais de carnaval, a folia toma conta do bairro madredivino, que vivencia inúmeras atividades, desde os ensaios das baterias, as rodas-de-samba e pagodes, até o funcionamento do barracão da Escola de Samba Turma do Quinto, onde são confeccionados os carros-alegóricos, alegorias, adereços e fantasias.

Foi na Madre Deus que teve início o movimento de revitalização do carnaval de rua em São Luís do Maranhão, no ano de 1991, conforme afirma Godão (apud Chagas Júnior, 2003, p. 69):

A proposta do circuito carnavalesco São Pantaleão, guardada no baú desde 1984, fora aceita, em 1991, no ano seguinte à criação do Bicho Terra, pela recém-criada Associação Maranhense dos Blocos, que também já não suportava mais tamanha indiferença do chamado 'carnaval oficial'. E estaremos naquele domingo de chuvas expectativas um novo broto de esperanças para as nossas folias são-luisesenses. Rua do Norte e Passeio, Largo do Gavião e Carroçudo superlotados de gente [...]

Ainda sobre a revitalização do bairro, Chagas Júnior, (2003, p. 71) afirma:

Os blocos-de-sujos, os blocos tradicionais, os blocos organizados, os fofões, a casinha da roça, os tambores-de-crioulas, as tribos de índios, as escolas-de-samba e outras manifestações que o próprio carnaval de rua fez surgir, classificados como "blocos alternativos", viram brotar no nosso bairro uma forma alternativa de diversão, que viria para enfraquecer ainda mais o carnaval de passarela, que já dava sinais de decadência. Formou-se, então, o circuito Madre Deus/São Pantaleão, como pontos de apresentações das brincadeiras no Largo do Carroçudo, Beco do Gavião, CEPRAMA, Casa das Minas, Praça da Saudade e Beco do Burgo. Depois, esse circuito foi ampliado até a Praça Deodoro, no centro da cidade, abrangendo a Praça da Alegria, toda a Rua São Pantaleão, Rua do Passeio, Rua do Norte e ruas intermediárias. Aos poucos, o carnaval de rua foi ganhando força e se proliferou, como em épocas áureas do carnaval ludovicense quando imperavam os "carnavais dos cordões", fazendo surgir, a cada ano, uma infinidade de brincadeiras em toda a cidade de São Luís. Alguns outros bairros como Anjo da Guarda, Vila Palmeira, Vinhais, Liberdade, Anil e Fátima, também foram beneficiadas com o carnaval de rua, que é

planejado, coordenado e financiado pela Prefeitura Municipal de São Luís em parceria com o Governo do Estado do Maranhão.

Nos dias de carnaval, as ruas do bairro madredivino e dos bairros adjacentes ficam cheias de foliões. Folia com sotaque bem maranhense. De acordo com a organização, o objetivo é não deixar ninguém ficar parado.

Em uma das entrevistas realizada, o Sr. Veloso relatou que: "Os turistas que já conhecem os ritmos das brincadeiras, ele vem para rever quando vem pela primeira vez, tenho certeza que vai voltar porque não têm em outro lugar essas especificidades de ritmos" (informação verbal).¹

É também próximo à Madre Deus, no Anel Viário – em frente ao aterro do Bacanga que é realizado, todos os anos, desde 1989, o desfile oficial das escolas de samba e de outras manifestações carnavalescas, ocasião em que é montada uma estrutura com aproximadamente 100 (cem) metros de extensão, sendo composta de camarotes e arquibancadas, com capacidade média para 500 (quinhentas) pessoas.

4.3.1 Participantes do carnaval madredivino

4.3.1.1 Os Fuzileiros da Fuzarca

Fundado em 11 de fevereiro de 1936, na Rua São João (sentido Mercado Central), no centro da Cidade de São Luís, por uma turma de jovens que ali sempre se reuniam "Os Fuzileiros da Fuzarca" (Foto 06), foi assim batizado após alguns dias de existência, numa alusão a um filme norte-americano que estava sendo exibido nos cinemas de São Luís, intitulado Os Fuzileiros. Então, um dos fundadores do

¹ Informação fornecida por José Ribamar Gomes Veloso morador do Bairro da Madre Deus, em 27/11/05.

bloco sugeriu que fosse acrescentado ao título do filme a palavra Fuzarca, porque esta significa *folia, farra*. E assim para louvar fuzileiros e foliões farristas, um estandarte alvinegro com uma estrela e dois “efes” passou a exibir, nas apresentações da brincadeira (JÚNIOR, 2003, p. 75).

Foto 06 - Fuzileiros da Fuzarca



Fonte: Chagas Júnior, 2003

Dois anos após a sua fundação, em 1938, o bloco passou a ter como sede o bairro da Madre Deus, localizado na esquina da Rua Afrânio Peixoto com a Rua Múcio Teixeira. Foi no ano de 2002, na administração do presidente Orlando Rabelo, que o Governo do Estado doou a verba para aquisição do imóvel, através da FUNCMA. Chegando ao bairro foi acalentado por outros bambas ali radicados.

Em épocas anteriores não haviam instituído concursos oficiais e as brincadeiras de categorias diferentes disputavam entre si para saber qual era melhor, tempo em que existia uma forma de apresentação chamada de *assalto*, em que a brincadeira surgia inesperadamente em residências ou comércios e o

proprietário sendo pego “*de assalto*”, era obrigado a servir comida e a bebida, pois, caso isso não acontecesse à brincadeira não cantava a sua marcha de despedida.

Hoje é classificado como bloco alternativo, é a mais antiga manifestação carnavalesca e atividade no bairro da Madre Deus e em São Luís. Dos seus instrumentos artesanais como surdos, retintas (17 cm de altura e 45 cm de diâmetro), taróis-de-mão (20 cm de altura e 50 cm de diâmetro) e duas-por-uma (35 cm de altura e 90 cm de diâmetro), devidamente cobertos com couro de bode, cabra e carneiro, é extraída uma batucada.

Atualmente não concorrem a nenhum tipo de concurso durante os festejos de Momo, mas se faz presente, todos os anos, no desfile oficial da Passarela do Samba, na qualidade de *hour concurs*. Não faz mais parte de lema conquistar a vitória, mas sim festejar todos os anos de sua existência.

4.3.1.2 Turma do Quinto

Dados existentes e jornais de épocas antigas apontam o surgimento da Sociedade Recreativa Cultural Escola de Samba Turma do Quinto em 1939, enquanto alguns escritos mais recentes, baseados na memória oral da velha-guarda madredivina dão como certo o seu surgimento no dia 25 de dezembro de 1940, o que é totalmente incerto e contraditório, haja vista que houve a sua participação no carnaval de 1940, que ocorreu no mês de fevereiro daquele ano. Com base nesse fato, o mais provável é que tenha sido fundada em 25 de dezembro de 1939. Para Chagas Júnior (2003, p. 93),

Inconsequentemente nenhuma dessas datas, o que seria imprescindível, se faz constatar em sua ata de fundação, que somente foi registrada no cartório de registro civil de pessoas jurídicas Cantuária de Azevedo no dia

14 de dezembro de 1981. Quanto à concepção do nome da escola, essa é, incontestavelmente, atribuída ao tocador de cuíca Inocêncio "Lousa".

Ao som de um batuque improvisado regado a muita bebida no Sítio do Piranhenga surgiu à idéia de criar uma brincadeira que se apresentasse nos dias de carnaval, sendo isso objeto de aposta entre Dona Neide Carvalho, moradora daquele bairro, que achava impossível tal feito, e os fundadores que se reuniam no canto do Maguari. Curiosamente, Dona Neide Carvalho (apud CHAGAS JÚNIOR, 2003, p. 93), por duvidar da capacidade dos jovens bambas, foi por quinze anos consecutivos escolhida para ser madrinha da escola.

Eles viviam aí no canto, na porta da casa de seu Raimundo, que era conhecido por Maguari. Eu me lembro bem de Luís de França, Lousa, Marciano, e também de um que apareceu depois, que até hoje passa aqui na rua, e que eles chamavam e ainda chamam de Paletó. Eram quase todos da mesma idade e faziam muita zoadá. Eu nunca que pensei que isso fosse avante, essa coisa de escola. Mas eles fizeram a Turma do Quinto e eu, por muito tempo também participei.

A Turma do Quinto foi em frente com seus vinte e cinco componentes, trajando azul escuro e amarelo claro, e cantando a música de Virador, fez-se mostrar a comunidade, tendo já no carnaval de 1940 participado do concurso de nossa cidade, ficou em 5º lugar (Jornal O Imparcial, 1940, apud CHAGAS JÚNIOR, 2003, p. 94).

O resultado geral do concurso dos blocos este não foi muito animado como no ano passado. Alguns dos blocos principais de nossa cidade tais como - o Vira Lata, Cadete da Lua e Flor do Samba, não participaram do certame; que foi promovido pelo Instituto de Beleza Vênus: 1º Águia do Samba, 2º Fuzileiros da Fuzarca, 3º Imperador do Samba, 4º Estrela do Samba e 5º Turma do Quinto.

A Turma do Quinto teve como primeira sede a casa de uma senhora chamada Mãe Bibica, localizada à margem direita da entrada do Morro do

Querosene, que foi alugada por alguns meses por Dona Neide Carvalho, até então ensaiava na porta da Fábrica de Tecelagem e Fiação de Cânhamo, instalada na Rua São Pantaleão. Com o passar do tempo Mãe Bibica abriu mão do aluguel, por amor a escola.

Com o passar de alguns carnavais, teve como sede a União de Moradores do Bairro da Madre Deus na Rua Afonso Celso (Rua Um); em seguida, a Recreativa (Quintinho), também localizada na Rua Afonso Celso (Rua Um). Hoje, encontra-se instalada no prédio onde funcionou uma fábrica de pilar coco babaçu, na Rua do Norte, adquirida no ano de 1981, a qual foi batizada de Quintão.

Seu primeiro presidente foi Lino Sousa, mas a escola também teve outros presidentes ilustres, como Anacleto Neves (Nazinho), Natanael Barata, João Batista dos Santos e José Evaristo Carvalho (Zé Toinho), sendo o mais carismático e popular o saudoso Hermenegildo Tibúrcio da Silva. A Turma do Quinto teve como primeiros sambas: Goteira do Quarto (Autor: Bibi Silva); Foi você (Autor: Paletó); Madre Deus Antiga (Autor: Caboquinho); Aviso / "Silêncio" (Autor: Cristóvão "Alô Brasil"); Da Vila pra Cidade (Autor: Caboquinho); Ta Fazendo 25 anos – homenagem às Bodas de Prata/1965 (Autor: Cristóvão "Alô Brasil"); Salve Salve (Autor: Luís de França); Meu Pensamento (Autor: Cuíte).

A partir de 1977, a escola de samba passou a viver outra era. Uma nova ala de compositores, formada por José Pereira Godão, Luís Bulcão e César Teixeira, além do escritor Américo Azevedo Neto, do teatrólogo Tácito Borralho, do cantor Gabriel Melônio e de outras pessoas da comunidade engajaram-se para as futuras vitórias (Foto 07).

Foto 07 - Turma do Quinto



Fonte: Chagas Júnior, 2003

4.3.1.3 Bloco Organizado os Cobras das Estrelas

Nasceu em 1984, na Rua do Prespontão, no centro da cidade de São Luís, tendo como fundadores os funcionários da Gráfica Minerva, o bloco era também formado por uma ala de moradores do bairro da Madre Deus, entre eles Biné Reis, Paulo “Cobra”, Jonjoca Reis e Josélia Reis. Após dois anos de fundação, no ano de 1986, alguns de seus fundadores fixou residências em Brasília/DF, passando então a brincadeira a ter como sede o Bairro Madre Deus.

Os jovens sempre se reuniam na esquina da Rua Múcio Teixeira (Rua Quatro), no ano de 1987, o bloco foi para passarela do samba com o tema “Água, Suor e Samba” ficando em 14º lugar. Mas não desanimaram, em 1989, no primeiro carnaval realizado no Anel Viário, conquistaram o 1º lugar com o tema “Camelôs da RG” (críticas ao descaso dos camelôs da Rua Grande), em 1990 até 1998, alternou sua classificação em 2º e 3º lugar, já em 2000, voltou a conquistar o 1º lugar, com o tema Tributo à MPM (Música Popular Maranhense) de autoria de Jorge Coutinho.

Em 2001 e 2002, mesmo não conquistando o primeiro lugar fez brilhante desfiles para a Madre Deus.

4.3.1.4 Bloco Organizado Mocidade Independente Dragões da Madre Deus

O bloco Mocidade Independente Dragões da Madre Deus (Foto 08), foi criado em 13 de março de 2000. É uma manifestação carnavalesca original do bairro e pertence à categoria de bloco organizado, teve como fundadores Afonso Celso Nascimento e Magnólia Nascimento. Sua sede esta localizada no Beco Feliz, nº 04 - Madre Deus.

Foto 08 - Mocidade Independente Dragões da Madre Deus



Fonte: Jornal *O Estado do Maranhão* de 13/04/2001

Tendo participado de apenas dois carnavais, levou para a passarela do samba no ano de 2001 (seu primeiro ano a desfilhar oficialmente) o enredo *Madre de Deus Antiga*, onde foram abordados aspectos históricos do bairro. Nesse ano foi classificada em sexto lugar.

4.3.1.5 Bloco Tradicional Príncipe de Roma

Surgiu na Rua Padre Roma, no Bairro do Lira, no ano de 1969, tendo sido o seu fundador o senhor Alberto Baima Barbosa. Em 1970, a brincadeira foi desfeita. Após 12 anos o bloco ressurgisse na Rua Lúcio Mendonça (Rua Dois), na Madre Deus com temas. Após seu falecimento, a brincadeira passou a ser comandada por seu filho Netinho. As letras e melodias são esmeradas por Luís Bulcão e o teatrólogo e carnavalesco madredivino Tácito Borralho, sendo representadas por Gabriel Melônio, Inácio Pinheiro e Roberto Brandão. As fantasias são alinhavadas e costuradas em conformidade com os figurinos assinados, (Foto 09).

Foto 09 - Príncipe de Roma



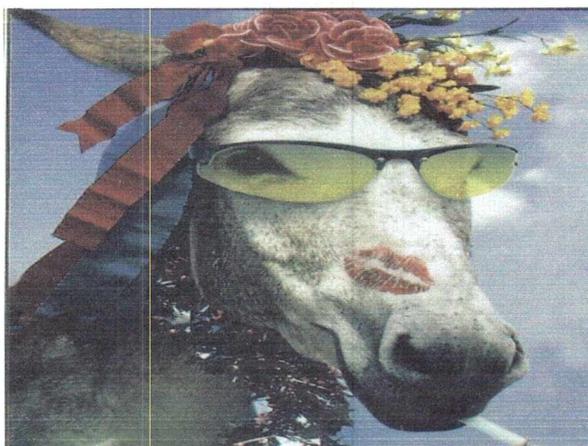
Fonte: Chagas Júnior, 2003

4.3.1.6 Vagabundos do Jegue

O grupo anima os foliões com muito humor há 19 anos. É fruto da arte criativa de Wellington Reis e Raimundo Nonato Campos (popularizado como Castro

Alves), a ala de compositores é formada pelos criadores do bloco além de participações especiais de Luís Henrique Bulcão, Smith e Oberdan Oliveira. O bloco Vagabundos do Jegue, com seu irreverente jegue Fifi (Foto 10), é cortejado por vagabundos vestindo o figurino bem característico: paletó, gravata e chapéu.

Foto 10 - Jegue Fifi



Fonte: <http://www.turismo.ma.gov.br>

A brincadeira é originária da Madre Deus (São Pantaleão, em frente ao prédio onde funcionou a Fábrica de Fiação e Tecidos Cãhamo), é dono de vários hits do carnaval maranhense sendo um destaques do reinado de Momo.

Foi criado com a finalidade de satirizar o Governo Militar de João Batista de Oliveira Figueiredo, em uma de sua declarações “cavalísticas” pronunciou a nação a seguinte frase: “*Gosto mais do cheiro de cavalo do que de gente*”, os Vagabundos do Jegue foram as ruas pela primeira vez em 1983.

A música Paixão Nacional, composta por Wellington Reis em parceria com Oberdan Oliveira, satiriza o “*excesso de bumbuns*” no cenário artístico brasileiro. A composição foi finalista do Festival Maranhense de Música

Carnavalesca, organizado pelo Sistema Mirante. Além desta, o bloco têm outras canções e hits de antigos carnavais, como Gaguinho, Paixão Nacional, Caloteiro, Banho de Maisena, Fuxiqueiro (a), Velhinho da João Lisboa e Amigos do Alheio.

4.3.1.7 A Máquina de Descascar Alho

"A Máquina de Descascar Alho" é uma opção a mais no carnaval maranhense. Apresentou-se pela primeira vez no ano de 1984, com o nome de "*Unidos da Última Hora*", teve como ponto de partida a Rua do Norte. Cantava a música "Escute esta canção que é pra tocar no rádio, no lado do seu coração / Você se comunica e a gente então se liga nessa estação [...]". Deste momento em diante, a sua presença fez-se obrigatória nas folias de Momo. Em 1985, Joquinha um de seus fundadores, levou para a Madre Deus, atribuindo-lhe o nome "A Máquina de Descascar Alho" (Foto 11).

Foto 11 - Máquina de Descascar Alho



Fonte: Chagas Júnior, 2003

A concentração do bloco se dá debaixo de uma jaqueira plantada em frente à residência de José Veloso, no Morro do Querosene. Através da fama do

bloco o Governo do Estado construiu a Praça Estação da Máquina, mas a jaqueira permaneceu.

A brincadeira que foi criada com a concepção de não ter diretoria mais acabou abdicando e escreveu em linhas imaginárias, um estatuto que deu brecha para que fossem aclamados de forma consensual e em caráter vitalício dois diretores: João Barnabé Araújo Neto e José Ribamar Fonseca, ambos já falecidos.

No começo apenas os ritmistas do regional 310 constituíam o corpo sonoro do bloco, mas passando a ganhar proporções maiores, outros integrantes começaram a participar: o grupo Sem Dimensão, Cobra Criada, Espinha de Bacalhau, Trem das Onze e Amigos do Samba.

No calendário madredivino, estão reservados para a sua apresentação o dia 1º de janeiro e os domingos que o sucedem, sempre a partir das seis da tarde, e nos dias de carnaval a sua “locomotiva” é guiada no Domingo Gordo e na terça-feira, com saída ao meio-dia.

4.3.1.8 Bicho Terra

Sua estréia no carnaval de São Luís foi em 1990, sob o comando de José Pereira Godão. “Essa manifestação carnavalesca tem se firmado como um atrativo nos festivais e no Marafolia, quando se transforma no ‘Blocão do Bicho”, além de ser convidado a participar do circuito Madre Deus / São Pantaleão.

Suas vestimentas são calça e peitoral de esteira de palha de buriti, luvas, rabo e sapato de corda desfiada e tinturada com cores variadas, além de máscaras de papelão, chapéu de corda e palha seca de milho.

O Bicho-Terra (Foto 12), assim como o Boizinho Barrica, é congregado pela Companhia Barrica de Teatro de Rua, que tem sua sede localizada na Avenida Rui Barbosa, Madre Deus. As composições são de autoria de José Pereira Godão e Luís Bulcão, participando como interpretes Inácio Pinheiro e Roberto Brandão.

Foto 12 - Bicho Terra



Fonte: <http://www.turismo.ma.gov.br>

4.3.1.9 C de Asa

Segundo Veloso (apud CHAGAS JÚNIOR, 2003, p. 225), o C de Asa (Foto 13), foi formada em 1997, por Durval “Baiaco”, Calça Curta, Alvinho, Gutemberg, Marquinho, Lambau, Ney, Roseninho “Cara-de-Porco” entre outros. Tem como característica própria a presença apenas de músicas de compositores madredivinos.

Foto 13 - C de Asa



Fonte: Chagas Júnior, 2003

Os participantes são pessoas que se sentiram sem espaço dentro dos “vagões” da Máquina de Descascar Alho, devido às proporções incontroláveis pelas quais ela foi acometida, em que o número de foliões, supera-se a cada ano. Por esse motivo, assim que a Máquina de Descascar Alho se recolhia, lá estava este grupo que não podia desfrutar como gostaria, e como era acostumado a desfrutar, formando uma outra brincadeira e retornando às ruas, quando a multidão já havia sido dispersada. O estandarte, conduzido pela ala gay, anuncia a sua aparição. Curiosos correm para ver e ouvir o que vão mostrando e o que vão cantando (CHAGAS JÚNIOR, 2003, p. 227).

Nos primeiros anos, a brincadeira apresentava-se durante o período noturno, mas, para evitar que também tomasse proporções incontroláveis, alterou os seus horários de saída para os turnos matutino/vespertino.

4.3.1.10 Regional 310

É formado por ex-integrantes do grupo Sambista Caroçudo. O Regional 310 (Foto 14), apresentou-se pela primeira vez em 1987. É um grupo que está além das expectativas, encantando por onde passam.

Foto 14 - Regional 310



Fonte: Chagas Júnior, 2003

Este grupo já fez mais de 1700 (mil e setessentas) apresentações na capital e no interior do Maranhão, além de já terem participado de outros shows como o de Cristóvão “Alô Brasil”, Henrique Reis (Sapo), Caboquinho, Patativa, Zé Pivô, Cláudio Pinheiro, Gabriel Melônio e Ribão.

Já integraram o Regional 310 o músico César Peixinho (hoje radicado em São Paulo), Josemar (hoje no grupo Serrinha & Companhia), Carlos Caju, Urumaju Carvalho e Roberto Passarinho.

4.3.1.11 Grupo Musical Embolada

A idéia de criar o grupo surgiu no ano de 2001, pelos irmãos Fabiano Pinto e Márcio Pinto, Silvério “Boscotô” e José Pretinho que perceberam que o bairro necessitava de um representante com desempenho musical e que não estivesse ligado apenas ao calendário festivo. O grupo é formado por Fabiano Pinto

(voz/contrabaixo), Léo (guitarra), Madson Peixoto (percussão) e Zé Pretinho (percussão).

Com um nome sugestivo, traduzindo sinônimo de poesia cantada, o Embolada se apresenta em teatros, bares noturnos e praças.

A maioria das composições, são feitas pelos próprios integrantes do grupo, têm ritmos diversificados e misturados (ou embolados): bloco de ritmos, boi de sotaque de zabumba, boi de sotaque do Pindaré, cacuriá, coco, punk, forró, lelê, merengue, rap, reggae e rock.

4.4 Aleluia na Madre Deus

Após a Semana Santa a Madre Deus reinicia suas atividades festivas. À meia-noite da Sexta-feira Santa, os foguetes estouram anunciando a aparição do Blofão, que percorre as ruas do bairro e faz um passeio no centro da cidade arrastando vários moradores.

Durante o dia, no Sábado de Aleluia, existem várias programações como gincanas, teatro, futebol, vôlei, além dos Judas que às seis horas da tarde é morto, e quem é responsável por toda esta programação é o Conselho Cultural Comunitário da Madre Deus.

4.4.1 O Blofão

Foi pela Quaresma em 1992, que os madredivinos resolveram mais uma vez inovar. Contrariando conceitos religiosos e oficializando mais uma data no calendário dos festejos que acontecem ou têm como ponto de partida o Largo do

Caroçudo, na Madre Deus. É a única brincadeira da Madre Deus que se apresenta de Sexta-Feira Santa para o Sábado de Aleluia, quebrando, assim, o jejum que permeia o Carnaval e o São João.

Essa manifestação teve como idealizador e criador Erivaldo Gomes, compositor que se destaca no cenário da música como percussionista de vasto currículo, com incursões até internacionais, tendo conquistado no ano de 2001 o prêmio de melhor percussionista maranhense, instituído pela Rádio Universidade FM.

Durante a sua aparição, o Blofão vem trazendo, os Judas Fulano, Sicrano e Beltrano, lamparinas e lampiões acesos, os personagens Cruz-Diabo e Cara-de-Chapéu, bonecos e fofões, a figura do Bumba-meu-boi e diversas pessoas maquiadas, trajando fantasias pitorescas já esquecidas no fundo do baú. Neste período o Blofão é notícia em todos os jornais maranhense.

A partir da meia-noite as ruas da Madre Deus serão invadidas por um bloco de fofões, movido a pão, baldes de vinho e muita batucada. Vai ser puxada pelo Blofão, o bairro madredivino na madrugada do Sábado de Aleluia marca a transição das festas carnavalescas para o período junino (Jornal o *Estado do Maranhão* 13/04/2001).

4.5 A Natalina da Paixão

O criador e responsável pela Natalina da paixão é José Pereira Godão, é uma montagem da Companhia Barrica de Teatro de Rua, inspirada na trajetória de Jesus Cristo na Terra. Foi em 2001 que pela primeira vez as “Mutucas do Senhor” percorreram as ruas do bairro da Madre Deus. Ela segue um roteiro (anexos 01) com treze dramatizações (Foto 15,16 e 17), e acontece após uma declamação, apresenta a cantoria com as músicas do auto, compostas pelo próprio José Pereira

Godão, e por Luís Bulcão, Wellington Reis, César Teixeira e Humberto Maracanã. É encenada por homens vestidos de mulheres (as Cristinas), representando as seguidoras de Cristo, e por mulheres vestidas de homens (os Patriarcas).

Foto 15 - Roteiro (Apresentação)



Fonte: <http://www.turismo.ma.gov.br>

Foto 16 – Roteiro (A peregrinação)



Fonte: <http://www.turismo.ma.gov.br>

Foto 17 - Roteiro (Celebração)



Fonte: <http://www.turismo.ma.gov.br>

O instrumental da montagem mistura os sons de caixas, banjo, cavaquinho, clarinete, flauta e violão. Do lado dos rimos, uma viagem pelo chorinho, valsa, tambor de mina, e, como não poderia faltar, o bumba-meu-boi (Jornal *O Estado do Maranhão* 30/03/2005).

4.6 Festejos de São João

No período de 21 a 30 de junho a Madre Deus se transforma no maior arraial a céu aberto do Estado do Maranhão, onde os bumba-meu-boi de todos os sotaques, os tambores-de-crioulas, quadrilhas, cocos, cacuriás, danças portuguesas, além de outros diversificados tipos de danças se apresentam. As apresentações das brincadeiras se fazem presentes na Praça da Saudade, Beco do Gavião, Ponto de Fuga e CEPRAMA, o número de visitantes nesse período é grande. Tem várias apresentações de artistas maranhenses como Beto Pereira, César Nascimento, César Teixeira, Chiquinho França, Cláudio Pinheiro, Eliézio do Acordeom, Gabriel Melônio, Gerude, Jorge Thadeu, Josias Sobrinho, Omar Cutrim, Papete, Ronald pinheiro, Rosa reis, Ângela Gullar, Teresa Cantu e Ubiratan Sousa. “Cerca de 30 mil

peças passaram pelo Arraial São João no Maranhão, no CEPRAMA, durante as três noites de festa. Os bois foram o destaque da programação” (Jornal *O Estado do Maranhão*, 22/06/2005).

Foi no ano de 1997, através do 1º VIVA – Projeto de Melhoria da Infra-estrutura Urbana, implementado pelo Governo do Estado, que o bairro madredivino mais uma vez inovou e deu início à forma simultânea de realização do festejo junino em vários pontos, tendo ainda como atrativo os cortejos – passeios das brincadeiras pelas ruas do bairro. São em média, 25 (vinte e cinco) apresentações diárias, com autênticos representantes da cultura maranhense. “A Madre Deus está viva. O Arraial do Maranhão, que engloba programações do Largo do Carocado, Beco do Gavião, Praça da Saudade e do CEPRAMA, é a grande atração das festas juninas este ano” (Jornal *O Imparcial*, 25/06/2005).

Nesse período, as ruas são ornamentadas e a estrutura do arraial conta ainda com barracas que têm as estruturas de paus de mangues, forradas e cobertas com palhas de pindoba, e banheiros móveis. A força do trabalho envolve muitas pessoas, entre organizadores, locutores e seguranças, sendo que os recursos necessários à realização do evento são provenientes do Governo do Estado, através da Função Cultural do Maranhão – FUNCMA.

4.6.1 Tambor de Crioula Tijupá

A ação dos tambores também podem ser constatados no Bairro da Madre Deus. Mulheres negras, mestiças, que mexem-se animadas, numa dança buliçosa, cheia de malícia. O *tambor de crioula* dança feminina, sempre realizada em círculo, espécie de samba de roda, cantado com solo coreográfico, no qual introduz-se a

umbigada (chamada "punga"); as dançantes, denominadas de "coreiras", revezam-se na roda à frente dos tambores. O conjunto formado pelo *tambor grande*, *meião*, *pererengue* ou *crivador*, compõem juntos o que se chama de "parelha". O mais importante deles é chamado de tambor grande. As coreiras dançam à sua frente, enquanto outros membros da comunidade, incluindo-se os homens, entoam as cantigas apropriadas para este evento.

Os homens tocam os tambores, batem palmas, cantam... As mulheres rodopiam graciosas no círculo formado, usando saias estampadas, blusas brancas bordadas, turbantes, geralmente na mesma padronagem que a saia, colares, maquiagem, deixando transbordar a satisfação de lá estarem junto à comunidade, com os devotos, os santos. Uma mulher de cada vez dança no meio do círculo, requebrando o corpo em movimentos circulares, cadenciados, insinuando-se para o tambor e seu tocador (Foto 18). Em determinado momento outra "coreira", que estava fora do círculo, fabrica um movimento com seu corpo, dando a entender que pretende entrar na roda. Intensifica-se o canto, o toque dos tambores para que as duas mulheres, no centro da roda, comecem a se aproximar para o momento esperado da "punga", onde a coreira que entrou no círculo assumirá a continuidade do folguedo.

Foto 18 – Tambor de Crioula



Fonte: <http://www.turismo.ma.gov.br>

Esta dança, em ocasiões especiais - naquelas onde uma pessoa encontra-se devedora de alguma promessa feita ao seu santo de devoção São Benedito - é realizada com todo o cerimonial que a ocasião exige: todos os presentes cantam as ladainhas, geralmente em latim, na devoção do santo que fez a graça. As ladainhas são entoadas por um longo tempo.

As pessoas mais próximas da pequena capela, improvisada algumas vezes para cumprir uma finalidade religiosa, acompanham a reza; aquelas que se encontram do lado de fora conversam em pequenos grupos ou observam os tocadores esquentarem os tambores junto ao fogo. Somente após a saudação realizada em latim aos santos devotos, os tambores começam a tocar seguindo noite adentro até o raiar do dia para satisfação dos presentes. Com o dia amanhecendo, as cozinheiras servem a todos mocotó ou feijão.

O Tambor de Crioula Tijupá nasceu na Madre Deus no mês de dezembro de 1992, tem como seu criador o percussionista madredivino José Lázaro de Oliveira

Pereira. Apresenta-se durante o Carnaval e São João. Durante o período do carnaval, é conduzido por um caminhão coberto de palha (Foto 19), seguindo a mesma linha da Casinha da Roça, enquanto vai passando, o tambor vai sendo executado.

Foto 19 - A “casa ambulante” que conduz o Tambor de Crioula Tijupá



Fonte: <http://www.turismo.ma.gov.br>

Nos primeiros anos de sua existência, a estrutura da “casa ambulante” foi feita com madeira, sendo que nos outros anos essa estrutura foi substituída por uma metálica, para facilitar a montagem e desmontagem além de proporcionar economia. Apenas o revestimento decorativo, feito de palha de pindoba, o que causa uma aparência rústica, é renovado. A partir do carnaval de 2001, a estrutura metálica foi substituída por cana da Índia, para que desse um aspecto mais original da “alegoria de rua”.

4.6.2 Tambor de Crioula Tapera

Foi fundado pelo percussionista Erivaldo Gomes no de ano de 1998, também é originário da Madre Deus. Apresenta-se no período de Carnaval e no São João (Foto 20), durante o festejo de Momo como transporte utiliza uma “casa ambulante”.

Foto 20 - Tambor de Crioula Tapera



Fonte: <http://www.turismo.ma.gov.br>

4.6.3 O bumba-meu-boi da Madre Deus

O Bumba-meu-boi da Madre Deus (Foto 21), surgiu na segunda metade do século XIX, foi batizado de “Respeitado” e quem comandava era Zé “Garapé”. O folguedo atingiu a glória de boi grande e de respeito, para honrar o nome de batismo. Depois, na década de 1920, passou a ser chamado de “Abala o Povo”, nome que figurava no “couro do boi”.

Foto 21 – Bumba-meu-boi



Fonte: <http://www.turismo.ma.gov.br>

Considerando esta questão em sua coleção Memória de Velhos, Marciano Vieira Passos (vol. III, 1997, p. 83) hoje já falecido diz:

[...] Quando saiu o “Abalo o Povo” foi o boi de mais caboclo na Madre Deus. Quer dizer, naquele tempo, 12 caboclos e 40 de fita. Isso eu sei por que ainda tem na minha cabeça, 2 Pai Francisco, 2 Catarina e 20 pandeiro. Matraqueiro podia ter de 100 a 150, 200 porque era só mesmo o pessoal da Madre Deus. Mas o primeiro boi que saiu na Madre Deus, quer dizer no meu conhecimento foi Respeitado.

Em uma outra entrevista Marciano Vieira Passos (vol. III, 1997, p. 83) relatou: “Esse boi (Respeitado) foi extinto devido à morte do miolo do boi em uma de suas apresentações”.

Segundo um senhor entrevistado, afirmou que um homem por nome de Miguel que era estivador atirou no rapaz que era o miolo do boi e também em Zé Igarapé, que disfarçou e deu uma “cacetada” no rapaz. Esse acidente fez com que a polícia proibisse as apresentações do boi.

Ainda se pode destacar outro trecho da entrevista do senhor Marciano (vol. III, 1997, p. 83):

A polícia cercou, tava tomando nota do caso que se deu tudo isso. Chegou o ano e não podia. Então ficou nisso, nois ficando olhando o boi de um, o boi de outro, como eu tô dizendo. Aí nois ia na Belira, não tinha boi na Madre Deus. Nois ia escutar na Belira. Aí que seu Antenor Silva que morava aí na quitanda chamou nois e disse: "Nós vamos botar um boi aqui na Madre Deus. E mandou chamar Zé Martins é um tal dum rapaz chamado Mané Chuvisco. Aí tiraram o nome do boi "Abalo do Povo". Aí é que o Zé Igarapé pegou a me ensinar. "Olha o negócio é assim, se brinca, esse boi desse jeito".

Tem-se com essas informações o surgimento do Boi Abalo do Povo e o surgimento do primeiro boi dentro da Madre Deus. Zé Igarapé foi um dos maiores cantadores de boi da Madre Deus. Estas informações surgiram quando lhe era interpelado por alguém.

De 1948 a 1963, ele foi batizado de "Abalo o Povo", e ficou desfeito. Nesse período, as pessoas do bairro que gostavam desse tipo de brincadeira iam acompanhar outros bois, mais precisamente o da Maioba e o de Iguáiba. Mas Alfredo Louzeiro, Marciano Passos, Mané Onça, Eduardinho, Tabaco (Hermenegildo Tibúrcio da Silva), Orniildo e outros seguidores tendo a estrela *MD* gravada na testa e eternizada no coração revitalizaram a brincadeira.

Logo depois do carnaval, eu sugeri a idéia de botar um boi de cofo. O boi era a desculpa para ficarmos no "grode" até mais tarde. Fui com a turma na casa de Marciano. Ele tinha o material da brincadeira. Esperamos ele voltar da Cãhama, onde trabalhava, e acertamos tudo. Não saiu um boi de cofo porque botamos foi um batalhão pesado (Jornal *O Estado do Maranhão* - Mané Onça 14/05/89).

O que se constatou no decorrer do relato acima, é que o Bumba-meu-boi da Madre Deus ressurgiu sem a condição principal e costumeira de ser um boi de promessa a São João. Percebe-se que ressurgiu da necessidade que o bairro tinha

e ofertar aos seus moradores uma outra opção de divertimento nos festejos de São João e São Pedro. Um fato inusitado é que este boi desfeito em 1948 e refeito em 1963 teve á frente, com seu maracá e apito, o mesmo amo, Marciano Vieira Passos. Além dele, também estavam Mané Onça e Sabiá.

Os seus dois primeiros presidente em ordem sucessiva foram: Alfredo Louzeiro (1963 a 1972), e Hermenegildo Tibúrcio da Silva – *Tabaco* (1972 a 1983), que conduziram à brincadeira, de forma sábia, até o início da década de 1980.

Em 1971, fez o seu primeiro fonográfico em Long-Play através da Coordenadoria de Turismo e Cultura Popular da Prefeitura de São Luís. Foi a primeira brincadeira também com gravações ao vivo, realizadas no Rio de Janeiro, sob a direção de Américo Azevedo Neto, o disco de vinil teve seis faixas do selo Avanço Gravações e Edições Musicais Ltda. Couberam a Mané Onça e Vavá, os cantadores da época as execuções das toadas.

Antes do final da década de 1980, a brincadeira já estava com sintomas de fracasso e tudo indica que houve uma desunião entre os dirigentes. Outros bois da Ilha começaram a se organizarem mais, ganhando prestígio junto à sociedade.

A partir daí, um outro grupo formado por Zé Toinho, Manoel Pinto, Ornilo, Roseno, Manoel Reis e outros fundaram o “Caprichoso do Povo”, que logo foi chamado de popularmente “Boi de Cima”, isso porque os ensaios eram realizados no Largo do Caroçudo, na Avenida Rui Barbosa com o comando de José Onça. Mas nesse mesmo período uma outra turma de boieiros, comandada por Betinho (Jocelbe Nogueira), permaneceu com o Abalo do Povo que foi intitulado de “Boi de Baixo”, devido ao motivo de continuar ensaiando em frente ao prédio onde funcionou a FEBEM e hoje funciona a FUNAC, na Avenida Senador Vitorino Freire (Anel Viário). Já essa brincadeira tinha por comando o apito de Zé Pau. Por dois anos

consecutivos as matracas soaram na parte de cima e de baixo da Madre Deus. Segundo alguns moradores esse desentendimento acabou por fortalecer terreiros contrários, que viram no batalhão um espelho de decadência. Nem a imprensa não se absteve de fazer seus comentários:

O boi urra e, desta vez, é pra valer. Hoje, a Madre Deus, tanto em cima quanto em baixo, afinal é uma só, volta a ter, entre as suas fortes manifestações culturais, os ensaios dos seus 2 bumba-bois. Bairro tradicional, a Madre Deus dividiu o boi, mas não perdeu a força do seu batalhão. A tentativa de impedir os ensaios do Capricho do Povo (o chamado Boi de Cima), foram superados com um abaixo-assinado de 1 mil 200 signatários [...] (Jornal *O estado do Maranhão* 06/05/89).

De acordo Chagas Júnior (2003, p. 288), quando os dirigentes do “Abalo o Povo” (o Boi de baixo) “deram o braço a torcer”, a Madre Deus voltou a ter apenas um batalhão o qual ficou sendo chamado de “Caprichoso do Povo”. Outra vez, o boi que começou como “Respeitado” teve mudado o seu nome de batismo.

A partir da década de 1990, o boi da Madre Deus vem sofrendo dispersão de vários integrantes comprometendo o seu batalhão. Para alguns moradores isso vem acontecendo porque as brincadeiras oriundas como da Maioba, Maracanã e Iguaiá, não tem uma forma mais barata de diversão, o Bumba-meu-boi da Madre Deus, por ser sediado no centro da cidade de São Luís vem tendo problemas e a maioria das brincadeiras hoje existente no bairro funciona como empresas. Isso porque elas já nascem com proprietários. Logo, não fica difícil entender o porquê das dificuldades enfrentadas, uma vez que ele é do povo e feito pelo povo, tem diretoria legalmente constituída, e se os dirigentes organizam a brincadeira por amor, pela simples ordem de gratificação pessoal, o mesmo já não acontece com quem tem habilidade para “segurar” um pandeiro a noite toda, tendo direito apenas ao que beber e comer. Atualmente os ensaios e as apresentações oficiais são

pagos, pois, o cantador tem salário estipulado e horários definidos em contrato, por isso as apresentações jamais podem ser espontâneas e gratuitas, como nos tempos atrás. Os brincantes do boi da sociedade madredivina fazem também uma participação especial no boi Encantado da Casa de Nagô (Terreiro de Minas Tradicional do Maranhão).

O boi é hoje uma sociedade folclórica e cultural com registro que se intitula Sociedade Folclórica e Cultural do Bumba-meu-boi da Madre Deus "Capricho do Povo".

No dia 25 de maio de 2002, foi inaugurada, nas dependências da sede do bumba-meu-boi da Madre Deus, a Biblioteca Poeta Valdelino Cécio, maranhense que nasceu em São Luís a 23 de maio de 1952 e que participou, na década de 70, juntamente com outros intelectuais, de movimentos poéticos, tendo falecido no dia 29 de outubro de 2000. Pelo batalhão da Madre Deus já passaram cantadores como Zé Igarapé, (falecido), Marciano Passos (falecido), Vavá (falecido), Sabiá, Zé Pau, Roque, Josemar e Ronaldinho, sendo que hoje os comandantes Mane Onça, Zé Alberto e Milguelzinho.

4.6.4 O Boizinho Barrica

Originário do Bairro da Madre Deus, o Boizinho Barrica, cujo batismo anual se dá na Capela de São Pedro, fez a sua aparição, pela primeira vez, no São João de 1985. Surgido da necessidade de revitalizar o teatro de rua, teve como inspiração o "Boi Tonel", foi o seu idealizador e criador José Pereira Godão, cabendo a concepção do nome BARRICA a Wellington Reis, ambos compositores madredivinos.

- Wellington, vamos botar uma brincadeira pelo São João, tocando esse mundão de ritmos, esse repertório de toadas que fazemos por aí? A idéia é tocar de tudo: Coco, Quadriilha, Bumba-boi...Um batuque atrás do outro. Orquestra, Zabumba, Ilha, Pindaré... Tudo com uma só fantasia, que tal?
- É uma, Pereira, é uma! Vamos sacudir a cidade! Um sotaque pertinho do outro: Lelê, Tambor de Mina, Tambor de Crioula... e tudo num só cordão. Como diz Cristóvão Alô Brasil: "Eu acho é bom!"
- Que tal chamarmos a brincadeira de Boi Tonel, Barba Reis? Tu já ouviste falar do Boi Tonel, Barba Reis? Tu já ouviste falar do Boi Tonel? Um boizinho que saía antigamente no São João, cantando sambinhas e marchinhas pelas quitandas da Madre Deus, no comando do Malandro Sapinho, já ouviste falar?
- Sim! Já ouvi. Dizem que era um boizinho feito de flandres no formato de um tonelzinho, com uma garrafa d cachaça colocada por dentro. A turma bebia a cana na boca do boi, na maior invenção.
- Tai! Boi Tonel! O nome da brincadeira, Wellington.
- Boi Tonel? Boi Tonel, não Pereira, Boi Barrica!
- Barrica!? E isso é lá nome de boi?
- Boi Barrica, Zé Pereira, o seguidor do Boi Tonel.
- Boi Barrica!? Boi Barrica! É isso mesmo, Barba, Boi Barrica! O Boizinho Barrica, seguidor do Boi Tonel!
- Pronto, tá batizado.
- Alô! César Cabocão, bota grogue na barrica, que chegou mais um!
- E a barricada, Pereira??
- Tô indo pra casa guarnecer a brincadeira!! (GODÃO, 1985, p. 53-54).

José Pereira Godão (1985, p. 54) o seu criador o define desta forma:

Filho dos terreiros e folguedos maranhenses, o Barrica é um boizinho superencantado: amante da Estrela Dalva, a Papa-Ceia, o novilho ascendeu aos céus à luz da Estrela Bailarina, que o seduzira. Pendurado em uma varinha de condão, cheio de catuaba até nos olhos, com o rabo de saia e o couro de fitas, o Boizinho Barrica é a pura embriaguez do amor. Tanto no céu como na Terra, nas constelações como nos arraiais, passeia o vadiante cantador nos bumba-bois, cocos, divinos, cruzeiros e galáxias, à procura da Estrelinha da Manhã, a dançarina celestial das tardes e manhãs do planeta. A Tainahakã dos índios da mata cruzou os céus da Ilha Grande em busca das festas de São Luís, a Ilha Encantada. E o Boizinho querido, andarião das folias e sotaques maranhenses, não pestanejou: abriu a caixinha de segredos musicais de seu coração e a fez dançar. Toadas e bailados explodiram os céus - que nem fogos de estrelinhas soltos no ar. Mas, tão logo raiou o dia, a Boieira Luzia desapareceu. O sonho acabou. Tudo amanheceu.

O Boizinho Barrica, lunático caçador, virou tiranã, de Júpiter, nas noites claras, como mais um planetinha sedento de luz rondando uma estrela. Ela, de cigana, é a pantomima de Vênus, fica de farol: uma vez no nascente, outra no poente, fantasiando uma estrela. Nada é real nesse romance espacial, a não ser o teatro de cada um dos artistas de rua, que a cada canto de chão o faz viver, brilhar e existir.

O Boizinho Barrica tem um grupo de artistas que revigora e evidencia a tradição dos folguedos e festas populares no Maranhão. Com os espetáculos *O Boizinho Barrica à Luz de uma Estrela*, apresenta em ruas, praças e palcos da vida a diversidade de ritmos e danças peculiares dos festejos juninos e carnavalescos da cultura maranhense. Com uma produção artística que inclui CD's, livros, vídeos, e *shows* em diversos países do mundo, esta Companhia vem desenvolvendo um novo espetáculo intitulado *Maranhão de Ritmos*, que congrega uma mostra significativa da cultura popular maranhense, contribuindo para a ampliação e desenvolvimento do turismo cultural no Estado do Maranhão.

A Companhia Barrica (Foto 22), é uma proposta de trabalho em que se interligam várias experiências e formas de expressão artística, abrangendo canto, dança, música, literatura, artesanato e teatro de rua, em labor constante, num processo que já vem amadurecendo há uns quinze anos. O conjunto de criação dos trabalhos desenvolvidos tem como base e inspiração as formas artísticas da cultura popular maranhense, sendo esta, por lógico, o referencial primeiro e o universo de todas as produções da Companhia.

Foto 22: Companhia Barrica



As músicas apresentadas nos *shows* são baseadas nos diversos ritmos do Bumba-meu-boi maranhense: nos sotaques dos bois da Ilha de São Luís, do Vale do Rio Pindaré, das Zabumbas da cidade de Guimarães, das Orquestras das margens do rio Munim e da batida de costa de mão do litoral cururupuense; como também no quebrar dos Cocos e rastapés das Quadrilhas nordestinas; na cadência maviosa do Lelê de São Simão, nas ritmias retumbantes dos tambores de Crioula e de Mina; nas Festas de Reis e nos cânticos e ladainhas do Divino Espírito Santo, bem como nos sons carnavalescos que interligam épocas: das batucadas dos Blocos de Ritmo e das Tribos de Índio, do Baralho e dos sambas, dos frevos e marchinhas momescas.

As coreografias são fundamentadas na imensa diversidade das manifestações artísticas da cultura maranhense, destacando-se os passos que caracterizam os seus processos rituais, quer na dança individual de um personagem, quer na coletiva do grupo. Neste sentido, o que fica como plástica visual é mesmo a alegria de dançar, o prazer, a energia do corpo em movimento ao emalo da música, no pulsar dos ritmos, na cadência dos gestos, na ginga da gente plasmando o som, dando-lhe forma com o próprio corpo. Assim, os desenhos coreográficos também transparecem estilizações e criações, diretamente sobre passos característicos de certas danças ou sobre certos personagens em algumas partes dessas danças, evidenciando-lhes os movimentos do seu repertório mais expressivo, muitas vezes com a graça e leveza de um baiante, mesmo sem qualquer sincronia com os demais parceiros do cordão, outras vezes no improvisado da liberdade de cada dançarino-nativo que também cria a sua dança no gozo da música.

As indumentárias utilizadas têm como pano de fundo o artesanato, principalmente do Município maranhense de Barreirinhas. São criações que aproveitam os meandros de urdidura dos tecidos de fibra vegetal (linho de buriti), preenchidos pela alegria das cores e brilhos dos canutilhos, miçangas, fitas e fitilhos - a própria fantasia do Boizinho Barrica - onde é indispensável o velho toque popular de engenho e arte, no prazer de criar fantasias.

A Companhia Barrica é um trabalho desenvolvido por pessoas moradoras da comunidade da Madre Deus, trincheira cultural são-luisense, ou que a ela estão ligados de alguma forma. Seus integrantes perfazem aproximadamente cem pessoas, entre poetas, artesãos, atores, compositores, cantores, dançarinos e instrumentistas de sopro, corda e percussão, artistas e estudantes, donas de casa e profissionais liberais, andarilhos e boêmios, vestidos na fantasia de sua própria arte.

Foi concebida inicialmente como uma forma de integrar o conhecimento cultural, a experiência artística e a paixão pelas artes populares de uma geração de novos artistas da Madre Deus, a Companhia vem provocando, durante todos esses anos de permanente trabalho em prol da afirmação e valorização da cultura popular maranhense, um amplo questionamento entre artistas, autoridades e demais segmentos sociais sobre o verdadeiro papel do artista popular no contexto social e econômico da cultura, suscitando uma nova visão da sociedade para com as manifestações artísticas populares em geral, intencionalmente chamadas e mascaradas de folclore, para ocultar um mecanismo ideológico que nega a essas manifestações o estatuto de cultura. Por isso, visando combater a este e a outros preconceitos, principalmente quanto à valorização e respeito à arte popular, a Companhia adotou como base e inspiração dos seus espetáculos a coreografia das nossas danças e festas, os ritmos e compassos da nossa maravilhosa música, e

como espaço cênico a liberdade das ruas e praças, buscando evidenciar as riquezas dessa cultura.

Através do teatro de rua, instância vital de criação popular, a companhia trabalha a revitalização dessas danças, festas e ritmos, jamais esquecendo, por óbvio, que tal fato está intrinsecamente ligado às precárias condições de vida da nossa população, o que leva o artista de rua a constante mendicância por melhores condições para produzir sua arte, como para sobreviver dignamente. O Bozinho Barrica vem fazendo diversas apresentações no Brasil e no exterior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos da cultura contribuem sobremaneira para o combate, e, até mesmo, eliminação do preconceito. Contribui para o entendimento dos processos de transformação pelos quais passam as sociedades contemporâneas, ajudando-nos a pensar a nossa própria realidade social e o processo de construção de nossas identidades culturais.

Pode-se verificar que a originalidade da cultura popular não é resultante da falta de contato com a cultura oficial e com a cultura de massas, mas do uso que os seus portadores fazem dos elementos dessas outras culturas. A circulação dos fatos culturais é uma realidade inegável e desde o início da colonização procedeu-se o amálgama da contribuição das diferentes etnias e das diferentes classes sociais, das instituições políticas, militares e, especialmente, religiosas.

A diversidade cultural impõem-nos a decodificação dos símbolos em seus múltiplos significados e também cria certas condições que leva uma sociedade inteira a interagir no processo de criação coletiva quer seja a través da cultura popular, da erudita, da cultura de massa ou da cultura revolucionária para a libertação.

Partindo-se desse princípio, não se pode limitar a pensar a cultura apenas como manifestações culturais, tem-se que pensá-la como a segunda pele da trajetória da raça humana, como a marca deixada pelo homem e pela mulher na história, pois o ato que gera a cultura é a criação, a invenção, intervenção e a transformação.

Assinalou-se que a Madre Deus, antiga colônia de pescadores no início da formação da cidade de São Luís é hoje um centro dinâmico da cultura popular.

REFERÊNCIAS

ARANTE, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**, 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **O que é cultura popular**: coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ARAÚJO, Maria do Socorro. **Tu contas, eu conto**. São Luís: Sioge, 1996.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**: perspectiva de análise. São Paulo: Ática, 1987.

AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba-meu-boi no Maranhão**. 2ª ed. São Luís: ALUMAR, 1997.

BORELLI, Sílvia Helena Simões. **Gêneros ficcionais, produção e cotidiano**: na cultura popular de massa. São Paulo: INTERCOM, 1994.

BOSI, Eclea. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.

CANDAU, Vera Maria (org.) **Sociedade, educação e cultura(s)**: questões e propostas. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CARIA, Telmo H. Teorizar a cultura, "culturalizar" a teoria. In: CARIA, Telmo H. **A cultura profissional dos professores**. Porto: Fund. Calouste Gulbenkian, Ministério da Ciência e da Tecnologia (Portugal), 2000.

CARVALHO, Edgar de Assis. **As relações entre educação e os diferentes contextos culturais**. DIDÁTICA, n. 25. São Paulo, 1989.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1972.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHAGAS JÚNIOR, José de Ribamar de Sousa. **Festejos e festas**. São Luís: Lithohraf, 2003.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

COUTINHO, Milson. **Sarney**: Apontamento para a vida e obra do chefe liberal. São Luís: Alcântara, 1986.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DURHAM, E. R. A dinâmica cultural na sociedade moderna. In: **Ensaio de Opinião**. Rio de Janeiro: Inúbia, 1977.

FERRETI, Sérgio Figueiredo e outros. **Tambor de crioula: ritual e espetáculo**. São Luís: Lithograf. Comissão Maranhense de Folclore, 2002

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GODÃO, José Pereira. **O Bozinho Barrica à luz de uma estrela**. São Luís: Lithograf, 1985.

GUSMÃO, Neusa Maria. Mendes. Antropologia e educação: origens de um diálogo. In: GUSMÃO, Neusa M. Mendes de (org.) **Antropologia e educação**: interfaces do ensino e da pesquisa. CADERNOS CEDES nº 43, ano XVIII. Campinas: CEDES/UNICAMP, 1997, p. 8 -25.

_____. **Diversidade, cultura e educação**: olhares cruzados. São Paulo: Biruta, 2003.

HALL, Stuart. Estudos Culturais: dois paradigmas: codificação/decodificação. In: *Da diáspora*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

JORNAL O Estado do Maranhão de 06/05/1989; 14/05/1989; 13/04/2001; 30/03/2005; e 22/06/2005.

JORNAL O Imparcial de 22/02/1940; 23/01/1973; 28/06/2002; e 25/06/2005.

KUPER, Adam. Cultura, diferença e identidade. In: KUPER, Adam. **Cultura, a visão dos antropólogos**. Bauru, SP: Edusc, 2002, p. 287 - 311.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LEACH, E. R. **As idéias de Lévi-Strauss**. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1973.

_____. **Cultura e comunicação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LLUCH, Xavier. Interculturalismo: uma leitura crítica da interculturalidade. In: **Revista Pátio**, ano 2 n° 6 agot/out 1998.

LOVISOLO, Hugo R. Antropologia e educação na sociedade complexa. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. n°.65. Jan/abr.1984.

MARANHÃO SECRETARIA DE PLANEJAMENTO. **Perfil do aglomerado urbano da Ilha de São Luís - MA**: SEPLAN, 1983.

MARQUES, César. **Dicionário histórico e geográfico da província do Maranhão**. São Luís, jan/fev, 1997.

_____. **Dicionário histórico e geográfico da província do Maranhão**. São Luís, jan/fev, 1970.

MARTUCELLI, Danilo. As contradições políticas do multiculturalismo. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, Mai/ Ag de 1996, n. 2.

MORAES, Jomar. **Guia de São Luís do Maranhão**. 2ªed. São Luís: Legenda, 1995.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: PIAGET; VYGOTSKY & WALLON. **Teorias Psicogenéticas em discussão**. Summus: Editorial, 1992.

PASSOS, Marciano Vieira. **Memórias de velhos** – vol. II e III. Secretaria de Estado da Cultura/ Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. São Luís: Lithograf, 1997.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **Folclore Maranhense, Informes**. 3. ed. São Luís: Lithograf, 1999.

RIBEIRO, Darcy. **Os Brasileiros: teoria do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SANTOS, Boaventura Souza. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro: 1995.

_____. **Por uma pedagogia do conflito**. In: SILVA, Luiz Heronda et all. **Novos Mapas Culturais. Novas Perspectivas Educacionais**. Porto Alegre: Sulina/Secretaria Municipal de Educação, 1996.

SEMPRINI, Andréas. **Multiculturalismo**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A filosofia contemporânea no Brasil - Conhecimento, política e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SIDEKUM, Antônio. **Alteridade e multiculturalismo**. Ijuí: Unijuí, 2003.

SOUZA, Luis. **Multiculturalidade e educação**. Porto: Profedições, 1997.

_____. **Multiculturalidade e educação**. Porto: Profedições, 1977.

STOER, Sthepen R. Educação e o combate ao pluralismo cultural benigno. In: AZEVEDO, José Clóvis de et all. **Utopia e Democracia na Educação Cidadã**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação/ Editora da Universidade/UFRGS/ VII Seminário Internacional de Reestruturação Curricular, 2000, p.205 – 213.

VIEIRA, Ricardo. **Da infância à adultez: o reconhecimento da diversidade e a aprendizagem da interculturalidade.** In: ITURRA, Raúl. (Org.) O saber das crianças. Porto: Cadernos ICE, 1996.

_____. **Da multiculturalidade à educação intercultural A Antropologia da educação na formação dos professores.** Educação, Sociedade & Culturas, n. 12, 1999 pp. 123-162.

_____. **Histórias de Vida e Identidades: professores e interculturalidade.** Porto: Afrontamentos, 1999.

VIVEIROS, Jerônimo de. **História do comércio do Maranhão.** Vol. II. Associação Comercial do Maranhão. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1954.

_____. **História do Maranhão.** São Luis, MA: Associação. Comercial do Maranhão, 1954

WIEVIORKA, Michel. **Será que o multiculturalismo é resposta?** Educação, Sociedade e Culturas, nº 12. Rev. da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação. Porto: Afrontamento, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade,** São Paulo: Nacional, 1969.

_____. **Cultura e sociedade.** São Paulo: Nacional, 1969 -1950.

www.turismo.ma.gov.br/pt/

ANEXOS

ANEXO A – Roteiro da Festa Natalina da Paixão

A ANIMAÇÃO

ritmo: mina corrida
música: Aleluia
"Umbora São Pedro
Jesus não morreu
É mais que uma vida
Pregado na cruz
Vem vê São Tomé
As chagas de Deus
É fogo de vida
É chama de luz
Aleluia, aleluia
Aleluia, aleluia
É peixe no prato
Farinha na cuia"

1- A APRESENTAÇÃO

Ritmo: Marchinha / Mina bolero
Músicas: Mulheres de Jerusalém / Cristinas de Luz
"Nós somos as mulheres de Jerusalém
De Jerusalém, de Jerusalém.
Cantamos todo o ano o grande amor
Que une a humanidade ao nosso Senhor.
E a Madre Deus cidade natalina
Canta em seu louvor uma nova canção.
Nós somos as peregrinas
Do mesmo barro e do mesmo chão".
"Cristinas de luz, mulheres de além,
Que trazem Jesus de Jerusalém.
Não morreu, nem morrerá
O homem cravado na cruz dos pecados meus,
hosanas cantam em louvor
Salvas e Glórias pra Madre Deus.
Vem cantar um novo amor...
É Jesus meu Salvador...
Aleluia! Ao nosso Pai, nosso Senhor".

2- A PEREGRINAÇÃO

Ritmo: Divino e Viola
Música: Louvação
"Oh! Dona da casa, abra sua porta.
Eu estou com sede, eu estou sem hora.
Essa fome tanta e essa mesa posta.
Mas sem Jesus na ceia, eu já vou embora.
Ele é o meu vinho, é a minha hóstia.
Oh! Deus abençoe essa casa santa,
A boa harmonia que aqui se planta.
Com Jesus presente, a alegria é tanta.
Faz das nossas vidas sempre uma bonança.
É o nosso tesouro, a nossa esperança.
Salve! Meu Jesus Cristinho,
Salve! Meu Jesus Cristinho...
Meu senhor, receba essas Nazarenas
Que nas suas vidas tem Jesus de prenda
Cheia de louvores são as cantilenas
Que de casa em casa levam oferendas
Pelo amor a Cristo, pelas Madalenas
No final da ceia vou pra outra casa
Dividir o pão, que ele não se acaba,
Pois a Natalina toda hora passa.
Com as suas Cristinas, meu Jesus se espalha.
Há outras famílias esperando a Graça!

Salve! Meu Jesus Cristinho,
Salve! Meu Jesus Cristinho...

3- A CELEBRAÇÃO

Nós somos as Cristinas de Jesus,
As Mutucas do Senhor,
As Samaritanas de Jerusalém,
Na Celebração da Natalina da Paixão,
Que é a comemoração da passagem
do Senhor Jesus Cristo aos reinos de Deus,
na sua gloriosa manjedoura ressurreição.
Louvamos assim também o nascimento e o parto
Das mulheres do grande Rei
Divino Mestre,
"Adoremus" da Sublime Mãe Senhora,
A Madre Deus querida de todos nós.
Ao nosso Cristinho Senhor,
Doutor de todos os bens,
E às suas mulheres, artesãs da vida, guardiãs do
tempo:
O júbilo, o regozijo e a aleluia da "Natalina da Paixão"
E a nossa Madre de Deus, Amém !

4- A SAUDAÇÃO

Ritmo : Costa de Mão e Latino
Música : Mutucas
Vão chegando as Mutucas,
Vão entrando as Cristinas
Celebrando nas Graças de Deus a Natalina,
A Natalina da Paixão,
A Natalina do Senhor Jesus dos homens.
Todas as mulheres vêm saudar
Quem não morreu, nem morrerá,
Resistirá aos tempos
E sempre reinará
O Santo Espírito, o Filho e o Pai.

5- A ORAÇÃO

Ritmo : Ladainha e Lelê
Música : Madre Deus
Madre Deus, Sublime Mãe de Deus,
São todos filhos teus,
Senhora Mãe Jesus,
Perdoai oh! salve Mãe Rainha,
Deusa Mariinha, eu não estou na cruz.
Santa Maria, Imaculada,
Flor de Maria, Coração de Luz,
Santíssima, Madre de Deus,
Vem pro calvário, vem buscar Jesus.
Maria dos Anjos, da Luz, do Rosário,
Da Virgem Maria, da Santa Isabel,
Das Graças de Lurdes, da Piedade,
E tantas Marias da Glória dos Céus.

6- A PAIXÃO

Canção
Música: Sentinela
Havia um homem pregando na cruz
palavras de vida diante da morte
e naquela sorte partiram-se os homens
e foram as mulheres que ouviram sua voz.
Por certo, o capricho dos anjos, dos céus
ao ventre materno que o germinou,
que foram as Cristinas que andavam com ele

que puderam vê-lo num instante de dor.
 "Umbora", meu filho, viajar nas alturas,
 que teu brilho, que teu brilho vencerá.
 Leva os meus delírios, ferramentas pra lutar,
 que meu Cristo, que meu Cristo reinará.

7- A ADORAÇÃO

Ritmo: chorinho
 Música: Mãe Cecé
 Vem, meu filho! Há quanto tempo
 Que meu colo quente é cama ardente
 Desse grande amor.
 Vem, minha criança, lá de Nazaré!
 Sou o aconchego, tua mamãe Cecé.
 Em meus abraços te terei um dia.
 Vem! Tu estás vivo em minha devoção.
 Se todo dia há uma ressurreição,
 Teu acalanto, inda sou eu: Maria.
 Sara me falou na casa de Isabel
 Aqui na Madre Deus há um cantinho do céu.

Vem, meu filho, meu rebento,
 És minha vida onde não cabe sofrimento.

8- A SOLIDÃO

Ritmo: valsa
 Música: Mulheres
 Mulheres, sempre as mulheres,
 Ardentes artesãs da vida,
 Senhoras guardiãs do tempo
 A parirem rosas,
 Amamentam flores no seu paraíso.
 Jardineiras de Deus,
 São tantas Madalenas, filhas de Maria,
 Meretrizes de luz
 Doam seus mistérios
 Ao Senhor Jesus.

9- A RESSUREIÇÃO

Ritmo: mina / latino
 Música: Mariana
 É tempo de florescer
 Vida nova, nova vida
 Ressurreição
 Flor da Quaresma
 Flor da Paixão
 Flor da Páscoa
 Flor das Almas
 Flores de Abril
 Flor de Lis
 Flores do Espírito Santo
 Flor dos Amores de Cristo
 Flor de Jesus
 Mariana, Mariana
 Mãe de Maria
 Mãe de Jesus.

10- A DISPERSÃO

Ritmo: marchinha
 Música: As Natalinas
 A Natalina de Jesus Cristinho,
 Na Sexta-feira fria da paixão.

Salve a Senhora Madre Deus Rainha
 E a manjedoura da ressurreição.
 Nós somos as mulheres Mutucas do Senhor
 Pra mariar, louvar a Deus eu vou!
 A Natalina de Jesus Senhor,
 A Aleluia do menino Deus.
 São dois mil anos do meu Redentor
 E a boa-nova pela Madre Deus.
 Somos as pastoras desse amor divino,
 Vou seguir Jesus, esse é o meu destino.

11- A CONCEIÇÃO

Ritmo: baião
 Música: Parteira
 Nossa Senhora da Boa Viagem,
 Da Boa Viagem, da Boa Viagem,
 Eu sou parteira e vou pegar Jesus,
 Vou pegar Jesus, vou pegar Jesus,
 Bendito fruto da maternidade,
 Da maternidade, da maternidade,
 Da Virgem Santa Conceição da Luz
 Conceição de Luz, Conceição de Luz.
 Salve o rebento desse amor divino
 Desse amor divino, desse amor divino.
 Na manjedoura do meu coração,
 Do meu coração, do meu coração,
 Santa Vitória, das Dores, do Parto,
 Mãe concebida das Graças de Deus
 Venho amparar o teu filho
 No colo, no ventre da Madre Deus
 Oh é Natal! Oh é Natal!
 Vem viver amor, a Natalina da Paixão.
 Vem viver amor, a Natalina da Paixão

12- A CONCEPÇÃO

Ritmo: mina
 Música: Pombinha
 Somos os pássaros
 Deste destino
 Que o messias vem pra salvar
 Batendo as asas voa pombinha
 A Mariinha vai encontrar
 Canaã, Canaã
 Vem guardiã meu passarinho
 Oh Santa realeza, senhora
 Mãe Divina
 Teu ventre ôh Maria
 É o ninho de paz
 Teu ventre ôh Maria é o canto de paz

13- A REPRESENTAÇÃO

Ritmo: marchinha
 Música: Romaria
 Sai do Desterro a Romaria
 A Praia Grande é lapinha de Belém
 A Madre Deus é a Natalina
 E todo mundo segue pra dizer amém
 Ciganos, floristas, irmãs, espanholas
 Matutos, galegos, já vamos embora
 Louvar Deus menino que nasceu agora
 Ô natal! vem acender
 Os caminhos de Deus!

ANEXO B - Circuitão Deodoro/ Madre Deus – 2005

<p>Circuitão - 18 às 21h Grupos que saem da Deodoro para a Madre Deus - 05/Fev Sáb.</p>	<p>Banda Banguela, Banda da Verdura, Banda do Galo, Banda Sabyhá, Bloco Afro Abibimã, Bloco Afro Didara, Bloco Afro Netos de Nana, Bloco Alternativo Vagabundos do Jegue, Bloco Alternativo Casinha da Roça, Bloco Alternativo Fuzileiros da Fuzarca, Bloco Alternativo Não Enxiriza Malandro, Bloco Alternativo Pato Misterioso, Bloco Alternativo Ritmistas Unidos da Madre Deus, Bloco Alternativo Tijupá, Bloco Alternativo Tôatoa, Bloco Alternativo Tribal, Bloco Alternativo Turma das Piruas, Bloco Deu Zebra, Bloco do Samba, Bloco Jumenta Parida, Bloco Organizado Beatos do Samba, Bloco Organizado Mocidade Ind. do Monte Castelo, Bloco Organizado O Babaçu Abunda, Bloco Organizado Os Liberais, Bloco Organizado Super Sambistas, Bloco Organizado Unidos de São Roque, Bloco Organizado Unidos do Pau-Brasil, Bloco Os Caras de Pau, Bloco Os Veteranos da Cohab, Bloco Tradicional Dragões da Liberdade, Bloco Tradicional Os Gaviões do Ritmo, Bloco Tradicional Príncipe da Meia-Noite, Bloco Tradicional Renovação do Ritmo, Bloco Unidos da Ilha do Amor, Brincadeira do Urso Caprichoso, Corso da Cohab, Tribo de Índio Carajás, Tribo de Índio Curumim, Tribo de Índio Kamayura, Tribo de Índio Os Tupinambás, Tribo de Índio Tapiaca-Uhu.</p>
<p>Circuitão - 21h às 24h Grupos que saem da Deodoro para a Madre Deus - 05/Fev Sáb.</p>	<p>Baralho da Madre Deus, Bloco Afro Akomabu, Bloco Afro Aruanda, Bloco Afro GDAM, Bloco Afro Omnirã, Bloco Alternativo da Serpente, Bloco Alternativo Ecológico Pró-Verde, Bloco Alternativo Confraria do Copo, Bloco Alternativo Fôlego do Gato, Bloco Alternativo Jegue Folia, Bloco Alternativo Tapera, Bloco Alternativo Turma do Nó, Bloco Alternativo Vinagreira do Samba, Bloco Farrapos da Alemanha, Bloco Jamaicano, Bloco Oficina Afro, Bloco Organizado Canto Kente, Bloco Organizado Cobra das Estrelas, Bloco Organizado Mocidade Ind. Os Dragões da Madre Deus, Bloco Organizado Mocidade Ind. Turma do Saco, Bloco Organizado Mocidade Ind. Unidos do Codozinho, Bloco Organizado Os Gorjeadores, Bloco Organizado Unidos da Vila Embratel II, Bloco Organizado Unidos do Porto Grande, Bloco Os Arrependidos, Bloco Sebá Folia, Bloco Siri Com Alho, Bloco Tradicional Cia. do Ritmo, Bloco Tradicional Mensageiros da Paz, Bloco Tradicional Os Inacreditáveis, Bloco Tradicional Os Perfeccionistas, Bloco Tradicional Os Vigaristas, Cordão do Urso de Cacá, Tribo de Índio Guajajaras, Tribo de Índio Guarany, Tribo de Índio Sioux, Tribo de Índio Tupiniquins, Tribo de Índio Upaon-Açu.</p>
<p>Circuitão - 18 às 21h Grupos que saem da Deodoro para a Madre Deus - 06/Fev Dom.</p>	<p>Banda do Galo, Banda do Peru, Bloco Afro Aruanda, Bloco Afro Didara, Bloco Afro Juremê, Bloco Afro Netos de Nanã, Bloco Alternativo Bicho Terra, Bloco Alternativo Confraria do Copo, Bloco Alternativo da Serpente, Bloco Alternativo, Farrapos da Alemanha, Bloco Alternativo Fôlego do Gato, Bloco Alternativo Fuzileiros da Fuzarca, Bloco Alternativo Jegue Folia, Bloco Alternativo Lírio do Amor, Bloco Alternativo Pato Misterioso, Bloco Alternativo Vagabundos do Jegue, Bloco Alternativo Tribal, Bloco Amigos do Agenor, Bloco Carafolia, Bloco Jamaicano, Bloco Meninos de Fralda, Bloco Os Malinhas, Bloco Os Tradicionais do Ritmo, Bloco Sem Limite, Bloco Tradicional da APAE, Bloco Tradicional Kambalacho do Ritmo, Bloco Tradicional La Boêmios de Fátima, Bloco Tradicional Mensageiros da Paz, Bloco Tradicional Os Brasinhas, Bloco Tradicional Os Diplomáticos, Bloco Tradicional Os Dragões da Liberdade, Bloco Tradicional Os Feras, Bloco Tradicional Os Gaviões do Ritmo, Bloco Tradicional Os Indomáveis, Bloco Tradicional Os Magnatas, Bloco Tradicional Os Perfeccionistas, Bloco Tradicional Os Trapalhões, Bloco Tradicional Os Vigaristas do Ritmo, Bloco Tradicional Vinagreira Show, Brincadeira do Urso Caprichoso, Corso Reviver, Corso da Cohab, Corso da Melhor Idade.</p>
<p>Circuitão - 21h às 24h Grupos que saem da Deodoro para a Madre Deus - 06/Fev / Dom.</p>	<p>Banda Sabyhá, Baralho da Madre Deus, Bloco Afro Omnirã, Bloco Alternativo Casinha da Roça, Bloco Alternativo Ecológico Pró-Verde, Bloco Alternativo Meu Pinto de Óculos, Bloco Alternativo Não Enxiriza Malandro, Bloco Alternativo Ritmistas Unidos da Madre Deus, Bloco Alternativo Tapera, Bloco Alternativo Tijupá, Bloco Alternativo Tôatoa, Bloco Alternativo Turma das Piruas, Bloco Alternativo Vinagreira do Samba, Bloco Carcará, Bloco Casseta do Maiobão, Bloco Cataputa Velha, Bloco do Samba, Bloco Oficina Afro, Bloco Organizado Os Caroçudos, Bloco Os Arrependidos, Bloco Os Cara de Pau, Bloco Sá Viagra, Bloco Tradicional Alegria do Ritmo, Bloco Tradicional Arlequim de Ouro, Bloco Tradicional Cia. do Ritmo, Bloco Tradicional Os Boêmios do Ritmo, Bloco Tradicional Os Califas, Bloco Tradicional Os Foliões, Bloco Tradicional Os Inacreditáveis, Bloco Tradicional Os Malabaristas, Bloco Tradicional Os Originais do Ritmo, Bloco Tradicional Os Reis da Liberdade, Bloco Tradicional Os Tremendões, Bloco Tradicional Os Versáteis, Bloco Tradicional Os Vigaristas, Bloco Tradicional Os Vingadores, Bloco Tradicional Príncipe da Meia Noite, Bloco Tradicional Renovação do Ritmo, Legião dos Fofões.</p>
	<p>Banda Sabyhá, Baralho da Madre Deus, Blocão do Jacaré, Bloco Afro GDAM, Bloco Afro Omnirã, Bloco Alternativo Bicho Terra, Bloco Alternativo Casinha da Roça, Bloco</p>

<p>Circuitão - 18 às 21h Grupos que saem da Deodoro para a Madre Deus - 07/Fev Seg.</p>	<p>Alternativo da Serpente, Bloco Alternativo Ecológico Pró-Verde, Bloco Alternativo Não Enxiriza Malandro, Bloco Alternativo Ritmistas Unidos da Madre Deus, Bloco Alternativo Tapera, Bloco Alternativo Tôatoa, Bloco Alternativo Turma das Piruas, Bloco Alternativo Turma do Nó, Bloco Alternativo Vinagreira do Samba, Bloco Amigo Bate Cavalos, Bloco Casseta do Maiobão, Bloco Oficina Afro, Bloco Os Pai D'égua, Bloco Os Tradicionais do Ritmo, Bloco Tradicional Príncipe de Roma, Bloco Tradicional Arlequim de Ouro, Bloco Tradicional Cia. do Ritmo, Bloco Tradicional Os Boêmios do Ritmo, Bloco Tradicional Os Califas, Bloco Tradicional Os Foliões, Bloco Tradicional Os Gaviões do Ritmo, Bloco Tradicional Os Indomáveis, Bloco Tradicional Os Magnatas, Bloco Tradicional Os Malabaristas, Bloco Tradicional Os Mensageiros da Paz, Bloco Tradicional Os Reis da Liberdade, Bloco Tradicional Os Vigaristas, Bloco Tradicional Os Vingadores, Bloco Unidos do Saca-Rolha, Cordão do Urso de Cacá, Corso da Melhor Idade, Corso Reviver, Escola de Samba Turma da Mangueira, Escola de Samba Turma do Quinto, Escola Favela do Samba, Escola Flor do Samba.</p>
<p>Circuitão - 21h às 24h Grupos que saem da Deodoro para a Madre Deus - 07/Fev Seg.</p>	<p>Bloco Afro Aruanda, Bloco Afro Didara, Bloco Afro Netos de Nana, Bloco Alternativo Lírio do Amor, Bloco Alternativo Confraria do Copo, Bloco Alternativo Fôlego do Gato, Bloco Alternativo Fuzileiros da Fuzarca, Bloco Alternativo Jegue Folia, Bloco Alternativo Pato Misterioso, Bloco Alternativo Tijupá, Bloco Alternativo Tribal, Bloco Alternativo Vagabundos do Jegue, Bloco Amigos do Agenor, Bloco Deu Zebra, Bloco do Samba, Bloco Os Marmanjos, Bloco Os Veteranos da Cohab, Bloco Tradicional da APAE, Bloco Tradicional Kambalacho do Ritmo, Bloco Tradicional La Boêmios de Fátima, Bloco Tradicional Os Brasinhas, Bloco Tradicional Os Diplomáticos, Bloco Tradicional Os Dragões da Liberdade, Bloco Tradicional Os Inacreditáveis, Bloco Tradicional Os Originais do Ritmo, Bloco Tradicional Os Perfeccionistas, Bloco Tradicional Os Trapalhães, Bloco Tradicional Os Tremendões, Bloco Tradicional Os Vampiros, Bloco Tradicional Os Versáteis, Bloco Tradicional Os Vigaristas do Ritmo, Bloco Tradicional Príncipe da Meia Noite, Bloco Tradicional Renovação do Ritmo, Bloco Tradicional Vinagreira Show, Bloco Turma dos Gordinhos, Bloco Unidos da Ilha do Amor, Brincadeira do Urso Caprichoso, Corso da Cohab, Escola de Samba Acadêmicos do Túnel do Sacavém, Escola de Samba Império Serrano, Escola de Samba Marambaia, Escola de Samba Unidos de Fátima.</p>
<p>Circuitão - 18 às 21h Grupos que saem da Deodoro para a Madre Deus - 08/Fev Ter.</p>	<p>Legião dos Fofões, Banda Sabyhá, Bloco Afro Abibimã, Bloco Afro Aruanda, Bloco Afro Didara, Bloco Afro Netos de Nana, Bloco Alternativo Bicho Terra, Bloco Alternativo Não Enxiriza Malandro, Bloco Organizado Canto Kente, Bloco Organizado Cobra das Estrelas, Bloco Organizado Mocidade Ind. Os Dragões da Madre Deus, Bloco Organizado Mocidade Ind. Turma do Saco, Bloco Organizado O Babaçu Abunda, Bloco Organizado Os Gorjeadores, Bloco Organizado Unidos da Vila Embratel II, Bloco Organizado Unidos do Codozinho, Bloco Organizado Unidos do Porto Grande, Bloco Os Arrependidos, Bloco Os Malinhas, Bloco Tradicional Alegria do Ritmo, Bloco Tradicional da APAE, Bloco Tradicional Kambalacho do Ritmo, Bloco Tradicional La Boêmios de Fátima, Bloco Tradicional Os Brasinhas, Bloco Tradicional Os Califas, Bloco Tradicional Os Inacreditáveis, Bloco Tradicional Os Malabaristas, Bloco Tradicional Os Originais do Ritmo, Bloco Tradicional Os Reis da Liberdade, Bloco Tradicional Os Tremendões, Bloco Tradicional Os Vampiros, Bloco Tradicional Os Versáteis, Bloco Tradicional Os Vigaristas do Ritmo, Bloco Tradicional Príncipe da Meia Noite, Bloco Tradicional Renovação do Ritmo, Bloco Tradicional Vinagreira Show, Brincadeira do Urso Caprichoso, Escola de Samba Acadêmicos do Túnel do Sacavém, Escola de Samba Império Serrano, Escola de Samba Marambaia, Escola de Samba Unidos de Fátima, Tribo de Índio Curumim, Tribo de Índio Guajajaras, Tribo de Índio Guarany, Tribo de Índio Os Tupinambás, Tribo de Índio Sioux, Tribo de Índios Tupiniquins.</p>
<p>Circuitão - 21h às 24h Grupos que saem da Deodoro para a Madre Deus - 08/Fev Ter.</p>	<p>Bloco Os Tradicionais do Ritmo, Bloco Afro Akomabu, Bloco Afro GDAM, Bloco Afro Omnirã, Bloco Alternativo Casinha da Roça, Bloco Alternativo da Serpente, Bloco Alternativo Tapera, Bloco Alternativo Tijupá, Bloco Alternativo Tôatoa, Bloco Alternativo Tribal, Bloco Oficina Afro, Bloco Organizado Beatos do Samba, Bloco Organizado Mocidade Ind. do Monte Castelo, Bloco Organizado Os Carocudos, Bloco Organizado Os Liberais, Bloco Organizado Os Super Sambistas, Bloco Organizado Unidos de São Roque, Bloco Organizado Unidos do Pau-Brasil, Bloco Os Pai D'égua, Bloco Tradicional Arlequim de Ouro, Bloco Tradicional Cia. do Ritmo, Bloco Tradicional Os Boêmios do Ritmo, Bloco Tradicional Os Dragões da Liberdade, Bloco Tradicional Os Feras, Bloco Tradicional Os Foliões, Bloco Tradicional Os Gaviões do Ritmo, Bloco Tradicional Os Magnatas, Bloco Tradicional Os Perfeccionistas, Bloco Tradicional Os Trapalhães, Bloco Tradicional Os Vigaristas, Bloco Tradicional Os Vingadores, Bloco Tradicional Príncipe de Roma, Corso da Melhor Idade, Corso Reviver, Escola de Samba Turma da Mangueira, Escola de Samba Turma do Quinto, Escola Favela do Samba, Escola Flor do Samba, Tribo de Índio Carajás, Tribo de Índio Kamayuara, Tribo de Índio Tapiaca-Uhu, Tribo de Índio Tupynambá, Tribo de Índio Upaon-Açu.</p>

ANEXO C – Entrevistas Realizadas

ANTÔNIO CARLOS MADEIRA - Baiantes do Bozinho Barrica;

EDMILSON DA SILVA GUIMARÃES - Histórico do bairro Madre Deus;

JOSÉ PEREIRA GODÃO - Sobre a Companhia Barrica;

JOSÉ DE RIBAMAR GOMES VELOZO - Turismo na Madre Deus;

JOSÉ DE RIBAMAR DE SOUSA CHAGAS JÚNIOR - Festejos da Madre Deus;

MAGNO GÉRSON - Acervo de fotos e brincadeiras da Madre Deus;

MÁRCIO VASCOLCELOS - Acervo de fotos da Madre Deus;

PAULO FERNANDO - Histórico da Madre Deus e festejos;

ROSENO AMARAL - Acervo de fotos da Madre Deus;

SIMÃO CIRINEU - Acervos de fotos da Madre Deus.